

Carlos Bernardo González Pecotche
(RAUMSOL)

O Espírito

EDITORA
LOGOSÓFICA

O Espírito

A grandeza e a profundidade do pensamento logosófico têm inquietado não poucas vezes a opinião pública, desejosa de conhecer as fontes em que González Pecotche plasmou sua sabedoria. Este livro assinala o momento oportuno de revelar o segredo, já que seu conteúdo mesmo ajudará a compreendê-lo.

O pensamento do criador da Logosofia é absolutamente original, o que quer dizer que González Pecotche não bebeu em fonte alguma. Sendo ainda muito jovem, teve a certeza de que haveria de realizar a Obra Logosófica, cujas projeções concebeu com a mais clara visão, tanto em seus conteúdos como em seu método. Essa mesma certeza foi justamente a que motivou sua primeira grande renúncia, já que sua enorme capacidade mental lhe haveria permitido alcançar qualquer título acadêmico, bastando-lhe querê-lo; é que de modo algum deveria mesclar o fruto de sua própria herança com os conhecimentos oficiais.

Tal como declara num dos últimos capítulos deste livro, ao estabelecer-se nele a conexão direta com seu espírito, serviu-se tão só do haver que este havia acumulado e de sua constante assistência. Eis, pois, sua fonte e a origem de sua sabedoria, que por sua expressa vontade se acha à disposição daqueles que desejam nutrir-se com os valores nela contidos.

Carlos Bernardo González Pecotche
(RAUMSOL)

O Espírito

EDITORA
LOGOSÓFICA

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Intermedio Logosófico, 216 págs., 1950. ⁽¹⁾ ⁽²⁾

Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽⁴⁾

Diálogos, 212 págs., 1952. ⁽¹⁾

Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽⁴⁾ ⁽⁶⁾ ⁽⁸⁾

El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽⁴⁾ ⁽⁶⁾

La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽⁴⁾

Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽⁴⁾ ⁽⁶⁾ ⁽⁸⁾

El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. ⁽¹⁾ ⁽²⁾

Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽⁴⁾

Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽⁴⁾ ⁽⁶⁾ ⁽⁷⁾ ⁽⁸⁾

Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽³⁾ ⁽⁴⁾ ⁽⁵⁾ ⁽⁶⁾

El Espíritu, 196 págs., 1968. ⁽¹⁾ ⁽²⁾ ⁽⁴⁾ ⁽⁷⁾

Colección de la Revista Logosofía (tomos I ⁽¹⁾ ⁽⁴⁾, II ⁽¹⁾, III ⁽¹⁾, 715 págs., 1980.

Colección de la Revista Logosofía (tomos IV ⁽¹⁾, V ⁽¹⁾), 649 págs., 1982.

(1) Em português

(2) Em inglês

(3) Em esperanto

(4) Em francês

(5) Em catalão

(6) Em italiano

(7) Em hebraico

(8) Em alemão

Carlos Bernardo González Pecotche
(RAUMSOL)

O Espírito

8ª edição
2017

EDITORA
LOGOSÓFICA

Título do original

El Espíritu

Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol)

Tradução

Colaboradores voluntários da Fundação Logosófica
em Prol da Superação Humana

Projeto e produção gráfica

Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Catalogação na fonte)

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901-1963.

O espírito / Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol);
[tradução: Colaboradores voluntários da Fundação Logosófica em
Prol da Superação Humana]. — 8. ed. — São Paulo : Logosófica, 2017.

Título original: El espíritu.

ISBN 978-85-7097-137-1

1. Espírito 2. Logosofia I. Título.

CDD-128.2
-149.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espírito: Filosofia 128.2
2. Logosofia: Doutrinas filosóficas 149.9

Copyright da Editora Logosófica

www.editoralogosofica.com.br

www.logosofia.org.br

fone/fax: (11) 5584-6648

Rua General Chagas Santos, 590 – Saúde
CEP 04146-051 – São Paulo – SP – Brasil,

Da Fundação Logosófica
em Prol da Superação Humana

Sede central:

Rua Piauí, 762 – Santa Efigênia
CEP 30150-320 – Belo Horizonte – MG – Brasil

Vide representantes regionais na última página



EDITORA AFILIADA

Quando a investigação se detém nas fronteiras do mundo transcendente, é porque o saber comum é insuficiente para penetrar nele. A ciência deve elevar as vistas acima de sua rigidez consuetudinária, para entroncar-se nas grandes concepções da Sabedoria Universal.

Advertência

Não escapará aos que leiam este livro que seu conteúdo faz parte de um plano concebido pela sabedoria logosófica para que o ser humano penetre triunfalmente nos arcanos de sua existência e descubra a verdade, incontroversa e inobjetável, de tudo quanto lhe interessa conhecer sobre si mesmo e sobre o mundo metafísico.

É sabido que não há pior inimigo da liberdade de pensar do que as próprias limitações, e limitações são, em particular, os preconceitos e o temor provenientes de ideias inculcadas, que impedem o livre raciocínio e sufocam todo impulso do sentir, ansioso sempre de maior amplitude para os nobres reclamos do coração.

Felizmente, são muitas as pessoas dispostas a exercer o direito inalienável de ser donas e senhoras de sua vontade, de sua inteligência e de sua sensibilidade; em poucas palavras, capazes de **dispor de sua vida e de manter o próprio destino sob a dependência única e exclusiva de si mesmas.**

O ESPÍRITO, como todos os livros logosóficos, deve ser lido com a disposição de encontrar, em meditadas leituras, conhecimentos que ampliem e enriqueçam a vida. E isso deverá cumprir-se com a clara noção da importância de que se reveste tal indicação.

Finalmente, destacamos que os vocábulos de fundo utilizados neste livro representam conteúdos logosóficos que diferem dos que estão em uso. Sugerimos, pois, buscar em nossa bibliografia a acepção que lhes atribuímos; por exemplo, ao mencionarmos o termo "consciente", dever-se-á entender que nos referimos ao estado de plenitude que infunde um novo e vibrante fulgor na vida.

Comumente se pensa e se atua em virtude de um rápido processo mental que se verifica nas imediações da consciência. **Todavia, ninguém poderia dizer que é consciente em todos os instantes de sua vida, e de modo especial quando se trata de sua evolução e destino.**

A Logosofia expressa que a consciência é a essência viva dos conhecimentos que a integram, **o que dá a ideia de que quanto mais conhecimentos**

assimila maior é a atitude consciente do indivíduo.

Mas isso não chega nunca a motivar o funcionamento pleno da consciência, o que se consegue quando esta se nutre com conhecimentos que custodiam o processo de evolução consciente, o qual, realizado sob o controle da auto-observação, nos adverte sobre a diferença que existe entre o conteúdo comum do vocábulo "consciente" e o logosófico.

O homem deve ser consciente das mudanças favoráveis experimentadas dia após dia por seu próprio conteúdo moral, psicológico e espiritual, bem como do aumento de sua capacidade consciente para compreender que pode ampliar indefinidamente sua vida.

Introdução

Desde os alvares do mundo, a vida do homem tem sido um contínuo transitar entre a ignorância e o saber, regulado pelo desenvolvimento progressivo das funções de seu entendimento, o que o levou a realizar inusitados esforços para liberar-se da primeira e alcançar o segundo, em boa parte concretizados pelas vias técnica e científica, da mesma forma que pela arte. Não obstante, houve zonas de sua mente que permaneceram alheias a esse desenvolvimento evolutivo. Estamos nos referindo às zonas que abarcam: 1º) o conhecimento de si mesmo; 2º) o conhecimento do mundo metafísico ou transcendente; 3º) o conhecimento de Deus.

Essas zonas mentais, convertidas por sua inatividade em fronteiras que limitam o entendimento, tornaram-se para ele cada vez mais infranqueáveis, por sua pretensão de transpô-las

dirigindo sua atenção invariavelmente para o externo. Foi assim que reiteradamente tentou ver, estudar e descobrir em seus semelhantes as causas que lhe revelassem sua origem, o porquê de seu aparecimento na terra, sua missão e, finalmente, seu futuro extraterreno, ou seja, a sobrevivência de sua entidade anímica. Não pôde compreender – pois ninguém lhe ofereceu esse grande conhecimento – **que tão maravilhoso mistério deve ser surpreendido nas profundezas do próprio ser interno**, por ser ali, e não em outra parte, onde o homem alcançará o ansiado instante de se encontrar com seu espírito e receber dele o imenso bem representado pelo despertar para uma realidade que supera tudo o que foi intuído.

Para quem permaneceu alheio ao conhecimento de sua natureza espiritual, fica difícil dar-se conta de que é aí onde achará a explicação de múltiplos fatos incompreendidos, tanto de sua vida como da vida dos semelhantes. Só agora, ao assumir a consciência dessa realidade, tal como a Logosofia a descobre ao entendimento humano, pode o homem surgir ante si mesmo com plenitude de conhecimento e afirmar-se no domínio consciente de sua existência. Apreciará, com assombro,

por que certos setores importantes da humanidade caem no erro ao serem guiados pelos tortuosos caminhos da fantasia, inventada para ligá-los a crenças obscurantistas.

O homem não pode alienar a liberdade de seu espírito, sob pena de frustrar sua evolução e perder sua individualidade. Deve, então, preservar essa liberdade de todo risco; e conseguirá isso se efetuar sua união com o próprio espírito, mediante o processo de evolução consciente que a ciência logosófica prescreve e ensina a realizar.

Nossa concepção do espírito começa por explicar qual é sua essência e sua realidade precisa e incontestável, como é seu influxo sobre o ser que anima, qual sua prerrogativa, sua possibilidade de manifestação e, finalmente, sua verdadeira missão aqui, neste grande campo experimental que é o mundo. Porém essa explicação requer um verdadeiro esforço didático, do qual nenhum detalhe concreto deve escapar, principalmente se se quer levar o entendimento até os domínios de uma prática ampla e tenaz, com o objetivo de compreender sem equívocos os vastos alcances de um conhecimento de

tal magnitude, como é o que abarca a concepção integral do espírito.

Isso requer seu tempo, naturalmente. Fazemo-lo notar por causa da tendência a querer saber tudo de golpe, por uma simples leitura ou estudo ligeiro da verdade, enunciada e fundamentada em fatos categóricos. O conhecimento do próprio espírito exige antes de mais nada seriedade, meditações serenas, análises continuadas e cuidadosas de suas fugazes intervenções, e atenção constante para surpreendê-lo quando usa de nossas faculdades. Exemplos concretos dessas fugazes intervenções, nós os temos toda vez que acodem à nossa mente pensamentos estimáveis, cujo curso não esperávamos, ou quando brotam do ato de pensar ideias luminosas que assombram o próprio juízo.

Nesta ordem de estudos não deve existir, pois, pressa nem descuidos, invariavelmente prejudiciais à boa marcha das investigações que haverão de culminar na certa e ansiada comprovação acerca da autêntica realidade do espírito como potência inteligente e dinâmica da existência humana.

Para as pessoas em geral – bem o sabemos –, é difícil implantar um conceito em lugar de outro de longo enraizamento na mente e pouco menos que imodificável. Assim, por exemplo, para uns o espírito é a alma, ou o intelecto, ou o centro anímico do pensamento. Para outros é o ser incorpóreo, a razão, a sensibilidade, e até a personalidade. Há os que acreditam ainda que o espírito se manifesta nos estados emocionais, sentimentais, ou de alto voo intelectual ou artístico, como prova de que o homem, ao exaltar momentaneamente suas elevadas preferências, concede ao espírito a prerrogativa de deleitar-se com tais preferências. Lamentável erro, como se haverá de ver mais adiante, ao tratarmos a fundo algumas circunstâncias próprias das modalidades que caracterizam o espírito. Porém devemos ressaltar neste ponto que, não obstante a dificuldade apontada, temos podido apreciar com que presteza esta é transposta por aqueles que, usando de sua razão e não da alheia, percebem a diferença substancial que existe entre o confuso conceito corrente e a concepção logosófica, clara e precisa.

Se insistimos neste particular é porque sabemos da distância que separa a mente do verdadeiro conceito que a palavra “espírito” encerra.

Ninguém o precisou, porque ninguém penetrou nos segredos de sua não manifestada – embora não menos maravilhosa – realidade. Dissemos “não manifestada” porque é uma verdade inquestionável que o homem não percebe as evidências de sua realidade, por nunca haver experimentado as mudanças que nele se produzem quando o espírito se dispõe a integrar o equipamento psicofísico e participar ativamente na condução da vida. Em realidade, o espírito foi sempre ignorado, ou dele sempre se falou com prevenção, chegando-se em não poucos casos à sua sistemática negação – referimo-nos aqui à ciência –, como se o espírito fosse algo impossível de comprovar ou alheio à investigação desse ramo do saber humano. Tampouco fazemos referência aos milhões de almas que não transpuseram os mais elementares níveis de cultura, por não terem sequer uma remota ideia do que é e deve representar o espírito para cada indivíduo.

Se bem estejamos dando importantes elementos de juízo para que cada um forme para si um cabal conceito sobre seu espírito, tal como deve ser ele conhecido e sentido em sua manifesta realidade, devemos advertir que isso nunca acontecerá

com a simples leitura do que expressamos, mas sim pela aplicação racional e consciente destes conhecimentos ao processo interno que a Logosofia ensina a realizar, processo mediante o qual se chega à verificação de mudanças concretas e reais na apreciação definitiva desta verdade. Queremos ressaltar com isto que ingenuamente se engana quem pretende satisfazer sua inquietude com o mero conhecimento teórico de um tema que deve assumir para a vida transcendental importância.

C.B.G.P.

Primeira parte

O Espírito

Três Questões Prévias

Como entidade real e ativa, o espírito do homem parece haver desaparecido do cenário de nossas preocupações.

Por que tantos milênios se passaram sem se tornar concreta sua verdadeira função específica?

Que recônditos desígnios seu grande segredo oculta?

Por que o homem há de permanecer indiferente à realidade de seu próprio espírito?

A Logosofia, ao expor sua tese sobre este transcendental assunto, revela o profundo sentido moral que o conhecimento da vida do espírito encerra.

Capítulo 1

Origem das inquietudes espirituais

É próprio do homem inquietar-se com o além-mundo, com o seu destino ultrafísico, inquietude que se aguça de vez em quando por efeito de algum padecimento ou por encontros com enigmas que a inteligência tem procurado em vão desvendar. O espectro da morte o atemoriza. Contempla seu ser físico e se estremece pensando que pode perdê-lo, que o perderá irremediavelmente; e pergunta a si mesmo, com insistente ansiedade, se lhe seria possível escapar dessa imaginada voragem que o vai levando inexoravelmente para a desintegração total de sua existência. A essa indagação a inteligência não responde, guarda silêncio, mas internamente a inquietude se aprofunda e chega às vezes ao desassossego.

Quem, senão o próprio espírito, promove tais desassossegos? Quem, senão ele, induz o homem a buscar o saber? Mas não o saber comum, que atende às exigências da vida corrente. Referimo-nos ao que enriquece a consciência, ao que transcende a esfera vulgar do mundo para dominar, na medida de sua extensão, o imenso campo mental, o metafísico, povoado pelos pensamentos e pelas grandes ideias. Nesse âmbito de incontáveis milhões de entidades ultrafísicas é onde o espírito individual costuma captar as imagens mais valiosas, das quais faz o ente físico participar quando se estabelece a íntima correspondência entre ambos, com vistas a uma plena identificação.

De certo modo, o ente físico poderia ser comparado a um televisor com antena. Sem esta as imagens ficam confusas, mas aparecem nítidas com ela. No caso do ente físico, ninguém deixará de perceber quem faz as vezes de antena, só que não é fixa, mas sim móvel e, portanto, de longo alcance; porém ela o é na medida em que aumenta sua capacidade receptora, ou seja, quando o espírito, escalando alturas pela evolução, domina áreas cada vez mais dilatadas da concepção universal.

Acontece que o homem, ao experimentar essas inquietudes, procura satisfazê-las sem pensar que

elas implicam um chamado à sua razão e à sua sensibilidade, para que sinta a necessidade de dedicar-se à sua emancipação integral¹. Por esse caminho, consegue apenas acalmar ou, melhor dizendo, adormecer temporariamente sua vontade, que deveria ser estimulada por um firme anelo de superação. Não podemos deixar de mencionar aqui os desenganos experimentados por inúmeras pessoas que, de boa-fé, acreditaram ter encontrado o meio de satisfazer a suas inquietudes indo de um lado a outro e até recorrendo a quem nada tem a ensinar, a não ser suas extravagantes ideias, seus fanatismos ou suas ambições de lucro. Tanto a religião como a ciência e a filosofia têm-se mantido também à margem destes conhecimentos relativos ao espírito e, em consequência, não podem orientar devidamente o crente na superação de suas dificuldades.

Com os resultados à vista, pode-se muito bem afirmar que pouco ou nada já se disse de certo a respeito do espírito humano; mais ainda, até o presente ninguém encarou a questão com a seriedade e a segurança que ela requer. Aqueles que se

¹ A emancipação integral compreende a parte mental, moral, psíquica e espiritual, o que por sua vez libera a parte física de sua impotência.

encarregaram de sua elucidação – por conta própria ou por mandado de suas respectivas comunidades filosóficas ou religiosas – não puderam nunca satisfazer a tão legítima inquietude, justamente por carecer de conhecimentos que lhes revelassem o profundo mistério que o espírito representa para a razão do homem.

Quando chega a esta conclusão, o indivíduo se rebela contra tanta eloquência limitativa, convertendo-se em ressentido moral. Não obstante e apesar de tudo, continua buscando. Suas esperanças demoram a extinguir-se, e, mesmo em meio a tanta obscuridade e desacertos, sempre confia em encontrar uma luz que ilumine sua inteligência.

Se o homem tivesse sido criado somente de “barro”, como tantas vezes se tem dito, teria tantas inquietudes quantas têm os seres que povoam as demais espécies. Porém o constante anelo de expressar-se, de comunicar-se, demonstra o contrário; demonstra que seu ser não é inteiramente material, que algo superior anima sua vida e lhe permite pensar e sentir; é como algo que ele não vê nem pode tocar, mas cuja existência suspeita, pressente ou intui.

Esse ente, que articula seus movimentos na penumbra mental a que a inteligência do homem, sem o auxílio de vastos conhecimentos, não tem acesso por razões óbvias, é seu espírito que, à medida que toma maior ingerência na vida que anima, ilumina o âmbito interno e com isso aparece claro o porquê da origem das inquietudes espirituais.

Apesar de sua decepção, o homem sempre buscou transcender as limitações impostas pelo mundo que o rodeia, a cujas necessidades deve atender com suas próprias luzes, o que não impede que, enquanto isso, a vida passe e essas luzes se apaguem, sem ter conseguido iluminar outros horizontes, aqueles que a própria intuição tantas vezes o fez vislumbrar.

A Logosofia descobre uma infinidade de meios para conduzir o pensamento do homem às causas que o mantêm nessa situação, mas para beneficiar-se com tal descobrimento ele deve dispor-se a modificar esse costume, encarnado nele, de conduzir-se segundo suas conveniências imediatas, sem saber com precisão o que busca, nem para que o busca. É fato certo que uns e outros se interrogam sem conseguir sobrepor-se às imprecisões de seus próprios interrogatórios.

Com grande satisfação, podemos já anunciar a significativa transcendência da contribuição logosófica, corroborada por uma infinidade de testemunhos vivos. Com efeito, a verdade logosófica interessa de forma tão medular à inteligência e à sensibilidade dos seres que recebem nossa palavra – estejam eles na infância, na juventude ou na idade madura –, que de imediato a assimilam com prazer, por senti-la como um alimento vital da existência.

Segundo manifestações daqueles que já o comprovaram, trata-se de algo que haviam intuído vagamente, sem ter encontrado jamais o ponto de apoio, a luz esclarecedora que satisfizesse plenamente a essa inquietude. Observe-se a importância do fato assinalado, por ser fiel expoente do estado geral que grande parte dos seres humanos acusa. O que têm dito a respeito as religiões, a filosofia e a ciência? A julgar pelas mais desconstruídas versões que sobre o espírito deixam correr, nada de concreto fundamenta uma realidade que cada indivíduo possa comprovar por si, livre da sugestão, da pressão ou do influxo que, em muitos casos, exercem sobre sua vontade.

Nada há de ser mais grato aos olhos de Deus que o anelo puro, sincero e honesto de conhecer a verdade. Mas, para conhecê-la em cada uma das partes em que se subdividem os inúmeros degraus pelos quais se ascende até ela, é necessário ir desterrando tudo aquilo que simula ser verdade, como tal admitida. É justo, pois, que se prefira ser, acima de tudo, leal à própria consciência, buscando seu contato para que a inteligência possa refletir e julgar com inteiro acerto cada fato, cada situação, cada palavra ou circunstância relacionada com o próprio existir.

Inegavelmente, os seres humanos amam a vida; querem vivê-la, mesmo quando a maioria não saiba o que fazer para vivê-la bem. Correm assim, em vão, os dias, os meses e os anos. A que se reduz, pois, o tempo de sua existência? Outra coisa é quando se vive com intensidade, quando a mente se mantém em permanente contato com o Pensamento Universal, e a existência se sente animada por esse pensamento, porque a vida assume então outro caráter; já não se sente sozinha nem vazia. Esse vazio interno que tantos seres sentem, sem saber como preencher, desapareceu.

Referimo-nos antes ao afã da criatura humana por conter os insistentes reclamos do espírito, manifestados na necessidade de inquirir que percebemos nela desde que nasce até o momento de abandonar o mundo. Por própria experiência, e somando-se a isso o observado, sabemos que desde pequena, quando recolhe uma resposta que satisfaz a suas ânsias, experimenta uma agradável sensação de calma; preenche o vazio de onde provinha sua inquietude. O mau e prejudicial, insistimos, é quando, ao avançar em idade, não consegue canalizá-las convenientemente, procurando reunir dentro de si tudo isso que ignora, mas cuja existência pressente ou intui, manifestando-se na íntima necessidade de ser mais feliz do que é e no anseio de alcançar uma noção mais ampla sobre a vida. Quantos passos em falso seriam evitados, bastando apenas que se compreendesse que a manifestação de tais inquietudes tem sua origem na própria força que sustém a vida humana, e reconhecendo no espírito de cada um o encarregado de avivá-las, até que o homem decida ocupar-se seriamente desse chamado interno, o qual, embora não pressione em todos os casos, nem por isso deixa de influir sobre a vida.

Exímia conhecedora das causas que estimulam continuamente o homem em seu andar pelo mundo, a Logosofia lhe oferece a oportunidade de realizar em si mesmo essa grande operação alquímica que, ao longo de um processo de evolução consciente, lhe permite desenvolver aptidões para controlar e regular suas aspirações, criando tudo isso um estado de equilíbrio propício às manifestações de seu espírito. Daí nossa insistência em reclamar a necessária atenção para estes conhecimentos que, por ser transcendentais, encaminham conscientemente pensamentos e ações, conferindo ao espírito a oportunidade de viver na terra com prerrogativas similares às de seu ser físico.

Capítulo 2

O conhecimento transcendente

O princípio fundamental do saber transcendente estabelece que a grande experiência cósmica do conhecimento desce do supremo ao humano e ascende do humano ao supremo. No dilatado espaço que medeia entre ambas as posições expande-se a Criação, onde palpita a vida universal, onde se promovem todos os processos da natureza e onde alenta permanentemente o Pensamento de Deus.

Todo o plasmado nessa maravilhosa Ciência Universal contida na Grande Mente Cósmica teve uma finalidade suprema: a de ser conhecida por todos os seres criados com inteligência suficiente para compreendê-la, na infinita diversidade de suas partes, mediante o processo de evolução consciente que haveriam de realizar. Quer isto

dizer que a Sabedoria de Deus está plasmada na Criação, enquanto que a do homem consiste em conhecê-la e servir-se dela para superar as etapas evolutivas de seu gênero.

O conhecimento transcendente desce, pois, das alturas incomensuráveis do cosmo até o homem, que há de ir conhecendo o Pensamento de Deus em cada uma das manifestações que a Criação apresenta à sua inteligência. No avanço para essa meta, ele irá percorrendo primeiro os vales que se abrem à sua passagem; ascenderá depois pelas partes menos escabrosas, menos íngremes, até escalar, um a um, cada vez com maior segurança e equilíbrio, os grandes cumes do conhecimento.

Enquanto os conhecimentos transcendentais regulam as forças que colaboram na ação dos pensamentos e dos sentimentos, engrandecendo as almas e permitindo que se destaquem os traços do coração e se manifestem as luzes da inteligência, os demais, os comuns, os que não são transcendentais, se ajustam às limitações da mente humana, sendo necessários para atender à subsistência e contribuir para os descobrimentos que melhoram essa mesma subsistência.

Na maioria dos casos, o homem pensa e sente com limitações, resignado a uma vida indiferenciada por efeito de hábitos e costumes; mas pode, se a isso se propõe, e superando essas limitações, abarcar zonas de insuspeitada amplidão, porque se haverá identificado com a vida universal, da qual é parte.

Por que busca ele o conhecimento, senão por intuir que é um meio para encontrar a felicidade? Porque pressente, é indubitável, que são promissoras as perspectivas que se lhe abrem quando, decidido a saltar o cerco que reduz os horizontes de sua vida, consegue transfundir-se em outros planos, nos quais os pensamentos tomam novas formas, oferecem maior riqueza a seu entendimento e lhe permitem elevar-se, convidando-o permanentemente a avançar. Ali, nessas regiões que o espírito percorre com plena consciência, o homem sente o poder do conhecimento, e é tal a sensação de grandeza que o invade, que a própria vida pareceria transformar-se, adquirindo inesperada transparência.

Sendo a vida física uma pequena etapa da existência do homem ao longo das épocas, é

lógico que ele aspire a cobrir essas etapas com êxito, demonstrando o que pode conquistar nelas quando seu pensamento se une, ainda que em parte, aos princípios eternos que emanam dos alvores da Criação. Percebe, então, que surge de suas próprias entranhas a força que haverá de imortalizá-lo, pois está vivendo o eterno dentro de si mesmo, o palpitar da vida universal; em outros termos, eleva sua vida e a transforma numa potência capaz de iluminar a vida de outros seres que vivem, como ele viveu, só o presente, desinteressados do futuro e indiferentes ao que significa sua condição de humanos.

Não duvidemos: o homem busca o conhecimento por exigência de necessidades de sua própria natureza, que o impulsionam em sua busca para alcançar cumes mais altos, de onde lhe seja possível contemplar com clareza os infinitos matizes da Criação; busca-o porque o conhecimento é o grande agente criador das possibilidades que ampliam as prerrogativas de sua existência; busca-o porque é vida nova que se enxerta na sua, vida que o espírito respira, encontrando no conhecimento o caminho de sua liberação. Busca-o, em suma, porque é o meio

pelo qual chega a compreender sua missão e a sentir, em sua vida, a presença desse ser imaterial que responde ao influxo da eterna Consciência Universal e é, ao longo dos tempos, portador da existência individual.

Capítulo 3

Enigma-gênese da ascendência da espécie: o 4º reino

Embora o homem intua que sua origem provém do Pensamento Criador de Deus, autor de sua perfeição arquetípica, a espiritual, por um anacronismo ilógico anda empenhado, desde muito tempo, em considerar-se derivado de um ente inferior: o “elo perdido” que determine, de modo certo, sua obscura ascendência. Sem perceber que com isso não satisfaria as íntimas aspirações de seu espírito, lançou-se numa longa e apaixonante aventura infrutífera, visto que o verdadeiro elo, o que devia interessar-lhe em particular, é o que enlaça o homem com seu Criador. Eis aí o elo perdido.

Entre o homem e o reino animal existe uma diferença tão marcante como a que aparece *in extenso* entre o reino mineral e o vegetal, e entre este e o animal. Essa diferença está determinada pelo fato de que mesmo os representantes mais avançados do reino animal não têm espírito. O instinto assume no animal formas inteligentes e sensíveis, que se evidenciam de acordo com os traços que caracterizam cada espécie. Carece de verdadeira sensibilidade, pois nele não existe o sofrimento ou dor moral. Sua dor é instintiva, como nos casos em que se retiram das fêmeas suas crias, ou quando mostra seu apego aos donos desaparecidos. Por conseguinte, o que ressalta mais a diferença e superioridade absoluta do homem com respeito ao animal é, como dissemos, seu espírito, com as prerrogativas a ele inerentes.

Em vão tem-se considerado a existência pré-histórica do *antropopiteco* ou *pitecantropo* e, ultimamente, do *telantropo*, como possíveis antecessores ou elos perdidos da família humana¹. Lamentável erro da parte dos cientistas, os quais,

¹ Veja-se *O Senhor de Sândara* (pág. 474), do autor.

em vez de levar a investigação dentro de si mesmos e descobrir em seus espíritos o enigma-gênese da ascendência de nossa espécie, se obstinam em buscar em espécies inferiores uma conexão, um elo desnecessário para compreender, ou pelo menos intuir, a verdadeira origem do homem.

A ciência logosófica descarta essa teoria por considerá-la estéril e, sem se deter em tão trabalhosa busca do homem por arrancar do mistério que custodia seu passado os segredos de sua origem, abre uma nova via de investigação e o convida a internar-se nela, numa conquista ascendente, para entregá-lo um dia nas mãos de Deus.

Possivelmente, a Filogenia partiu desse erro, ou impensadamente o cometeu, quando seus representantes incluíram o congênere humano no reino animal; isto significa que o cientista, homem afinal, incluiu a si mesmo como parte integrante da escala zoológica.

A Logosofia hierarquizou o homem ao proclamar o quarto reino, virtualmente diferente dos demais. Sua constituição psíquica, com seus

ponderáveis sistemas mental¹, sensível² e instintivo³, e, como se isso não bastasse, as excelências de seu espírito, do qual carece qualquer outra criatura vivente de reinos inferiores, colocam o homem, com justiça indiscutível, num reino à parte e superior, que chamamos de “humano”.

¹ **Sistema mental:** Composto por duas mentes: a superior e a inferior, ambas de igual constituição, mas diferentes em seu funcionamento e em suas prerrogativas. A primeira está reservada ao espírito, que dela faz uso ao despertar a consciência para a realidade que a conecta ao mundo transcendente ou metafísico. O destino da segunda é a atenção às necessidades de ordem material do ente físico ou alma, e em suas atividades pode intervir a consciência. As duas mentes, a superior e a inferior, têm exatamente o mesmo mecanismo, constituído pelas faculdades de pensar, de raciocinar, de julgar, de intuir, de entender, de observar, de imaginar, de recordar, de predizer, etc., as quais são assistidas em suas atividades por outras faculdades que chamaremos de acessórias, e que têm por função discernir, refletir, combinar, conceber, etc. Todas as faculdades formam a inteligência. A Logosofia chamou esta última de **faculdade máxima**, porque abrange a todas em conjunto. (*Logosofia. Ciência e Método*, lição III).

² **Sistema sensível:** Está configurado na parte anímica do ser humano e tem sua sede no coração, órgão sensível por excelência e centro regulador da vida psíquica do homem. Divide-se em dois campos ou zonas demarcadas com exatidão. Uma delas pertence à sensibilidade, integrada pelas faculdades de sentir, de querer, de amar, de sofrer, de compadecer, de agradecer, de consentir e de perdoar. A outra zona corresponde aos sentimentos; é o espaço dimensional em que eles nascem, vivem e atuam. (*Logosofia. Ciência e Método*, lição V).

³ **Sistema instintivo:** Constituído em sistema, o instinto configura uma das três partes em que se dividem as energias psicológicas do indivíduo, correspondendo as duas outras aos sistemas mental e sensível. Fora da função

geradora específica, o instinto se caracteriza pelas manifestações ardentes que sua atividade desencadeia sempre na natureza humana. Ao pôr-se em contato com as energias mentais e sensíveis conscientemente ativadas, as energias do instinto são aproveitadas com grandes resultados no próprio aperfeiçoamento, porque contribuem para robustecer as forças do espírito, colaborando na realização das sucessivas incumbências que o processo de superação impõe. (*Logosofia. Ciência e Método*, lição VI).

Capítulo 4

Concepção logosófica de Deus

Para o pensamento logosófico, Deus é a imensidão, o eterno; é a Suprema Ciência da Sabedoria, que a mente humana pode descobrir em cada um dos processos do Universo estampados na natureza; processos exatos, ciência pura, perfeita, na qual o homem se inspira para criar a “sua” ciência.

O Pensamento de Deus se manifesta na Criação, em cujas entranhas palpita o amor que pôs nela e cujo poder a sustém. É o seu um amor que está por cima de todos os amores e que se revela em tudo o que existe; um amor que anima a vida na universalidade de suas manifestações, que não morre nunca, que jamais engana; um amor que surge do fundo mesmo da natureza para alentar-nos, impulsionar-nos e comover-nos ante a imanência de tudo o

que nos é dado contemplar no Universo. Com esse mesmo amor plasmou também a criatura humana e lhe conferiu o privilégio de apresentar-Lhe um dia, como uma oferenda, as grandes realizações que haverão de fazer de sua vida, dessa vida que lhe entregou para que a vivesse e desfrutasse, algo útil tanto para si como para seus semelhantes.

A Logosofia situa Deus no lugar mais elevado, aonde jamais poderá ascender a needade dos homens empenhados em encapsulá-Lo na estreiteza de suas concepções mentais. Proclama a existência de um Deus Universal, que une os homens em uma só e única religião: a religião do conhecimento, meio pelo qual se pode chegar a Ele, compreendê-Lo, senti-Lo e amá-Lo; jamais pela ignorância.

É sabido que o homem sempre buscou sua vinculação metafísica com Deus; daí a origem das religiões, das filosofias e de todos os ritos e cultos antigos e modernos. Sempre intuiu que, por cima do físico, existia igualmente uma grandeza impenetrável, o que o impulsionou a percorrer uma infinidade de caminhos, sempre atrás da chave que o acercasse a Ele. Lamentavelmente, teve de conformar-se com a fé, que, quando não é fruto de convicções

profundas surgidas à luz do conhecimento, fomenta o fanatismo, que torna impossível, em todos os sentidos, a vinculação do espírito humano com o Grande Espírito Universal.

Não se enquadra na concepção logosófica que a criatura humana possa encerrar Deus numa estátua, numa casa, num país, num continente, num planeta, ou mesmo no Universo inteiro, pois considera que tudo se mostrará limitado e estreito para as dimensões de sua Excelsa Imagem, inabarcável pela mente humana. Por outro lado, é ampla em reconhecer, e fartamente se justifica, que todos, até o mais ateu, procuram saber d'Ele. E por que não, se a mente do homem inquire continuamente, indo de um ponto a outro, embora sem maior consciência dos motivos de sua ansiedade? Não se busca a Deus nos momentos de aflição e toda vez que se faz difícil a marcha pelo mundo? Não se O busca nas religiões, não se investiga, não se aprofunda com esse objetivo em livros antigos, não se introduz o homem nos labirintos das pirâmides e não procura indagar sobre a vida de outros mundos nos espaços siderais? Não se atormenta quando, crendo havê-Lo encontrado, sua consciência se nega em outorgar-lhe a segurança do achado?

Vemos conhecendo, ao longo da história, a evolução das espécies, o maravilhoso deslocamento dos astros, os diferentes períodos que ordenam o progressivo avanço do gênero humano através das épocas, seguindo os processos de desenvolvimento que obedecem aos ditados da Inteligência Suprema, cujo poder abarca os confins da Criação. Se levamos em conta que Deus diferenciou o homem dos demais seres terrenos e lhe conferiu possibilidades ilimitadas de hierarquizar-se anímica e espiritualmente, pensemos que desse processo inconsciente que ele cumpre, sem verificação individual dos acertos ou desacertos produzidos em sua conduta com relação aos altos fins de sua existência, pode passar, bastando que a tanto se proponha, à vinculação consciente com o Criador, tudo isso por meio do conhecimento de si mesmo, que, ao permitir-lhe abarcar gradualmente a divina arquitetura de seu mundo interno, paralelamente lhe concede a graça de ir conhecendo a Deus. Por isso, não cansaremos de repetir que o conhecimento mais extraordinário, o maior que se pode possuir, é, primordial e fundamentalmente, o conhecimento dessa criatura humana que é o ser mesmo. Seu estudo põe em relevo a criação mais maravilhosa, o próprio homem, plasmado à imagem da Criação.

Vem ao caso perguntar qual teria sido o objetivo perseguido por Deus, ao pôr no mundo uma raça de seres inteligentemente dotados que O ignorassem e vivessem à margem da Criação Universal. Pode-se, por um instante, pensar que Ele realizaria tão estupendo ato de sua vontade para que o homem, a quem deu faculdades anímicas e espirituais de extraordinário alcance, se conformasse em tão somente perambular pelo mundo, alheio aos elevados fins de sua existência? Certamente que não. É necessário compreender, então, que o homem deve aprender a conhecer a Deus para amá-Lo de verdade; a conhecer suas leis para não infringi-las; a ajustar sua conduta aos supremos ditados de Sua Vontade, para que Seu Grande Espírito o auxilie no longo processo evolutivo que deve cumprir no transcurso dos tempos.

Deus tem seu altar no seio da Criação, e o tem também em cada coração humano. No primeiro oficiam as potências cósmicas; no segundo, a consciência individual. Ali, nesse altar, a alma formula suas indagações, dissipa suas dúvidas, percebe a presença do espírito e determina níveis cada vez mais altos para seu comportamento. Ali se inclina em doce enlevo, cheia de gratidão, até alcançar

o êxtase, expressão das emoções mais íntimas e felizes, porque, o que é o êxtase, senão a exaltação da felicidade em instantes de supremo equilíbrio psíquico, quando pensamento e sentimento se fundem numa só chama, viva e potente, enquanto a consciência regula a força da expansão interna?

O espírito de Deus é a Suprema Expressão Cósmica, porque nela vibra a energia universal. Manifesta-se ao homem na imanência de sua própria natureza, na inviolabilidade de suas leis e em sua inteligência, que anima e sustenta a perennidade da Criação.

Capítulo 5

O mundo metafísico

Muito se tem falado do céu, que é descrito com tonalidades maravilhosas e destinado aos bem-aventurados; entretanto, pode servir de algo um lugar que ninguém conhece nem jamais conheceu, e do qual não se tem nenhuma referência certa?

Como resposta a essa atitude inquisitiva da criatura humana, que a move a indagar sobre o que está além do perceptível a seus sentidos corporais, a Logosofia não só põe a seu alcance um céu diferente, como também a prepara para internar-se nele sem extraviar-se nunca. Esse céu é o mundo metafísico.

Estamos nos referindo, tacitamente, ao processo de evolução consciente, que, ao introduzir o homem nos domínios de seu próprio mundo

interno, lhe permite familiarizar-se desde o início com o influxo do mundo metafísico ou transcendente, âmbito natural das ideias, dos pensamentos e da energia supremos que palpitam no existir de toda a Criação. Para tanto, ilustra-o convenientemente e o cumula de sugestões que o orientam ao longo de um percurso extremamente interessante, que começa na intimidade de seu ser e se projeta com amplidão para o infinito.

A introdução no mundo interno individual permite sua conexão com o mundo metafísico. Ambos configuram uma unidade inseparável, à qual deve o homem adaptar-se, colocando-se dentro dela e buscando recursos para consolidá-la na única parte em que pode encontrá-los: no conhecimento de si mesmo, meio pelo qual toma consciência do que é, do que possui, do que pode e deve ser, e conhece as bondades do mundo metafísico, cujas belezas haverá de admirar com crescente assombro. O conhecimento de si mesmo é, pois, o conhecimento que a alma aspira a alcançar de seu próprio espírito; é a via que conduz ao encontro e conexão com o mundo metafísico, o que de forma alguma constitui uma utopia, sendo, ao contrário, uma realidade tanto mais comprovável quanto mais

fecundo seja o esforço do homem por superar suas atuações em todas as ordens da vida.

O acesso ao mundo metafísico, inexplorado pelo homem apesar de suas tentativas e das múltiplas hipóteses aventadas a seu respeito, determina a passagem progressiva da herança do espírito às mãos do indivíduo. Em outros termos, implica a identificação da entidade física ou alma com o espírito e, logicamente, um avanço considerável no processo de evolução consciente.

Reiteramos que o conhecimento do mundo metafísico começa, imprescindivelmente, com o conhecimento de si mesmo, por estar ambos os mundos, o interno do ser e o metafísico, indissoluvelmente ligados. Vem ao caso destacar a função imponderável do espírito como condutor para esse mundo das grandes ideias, onde reina permanentemente o Pensamento de Deus. Daí que a Logosofia tenha apontado o espírito como o elo que une o homem a seu Criador. Ter-se-á observado que nos estamos internando nos segredos de um enigma até hoje indecifrável para o entendimento humano, e que o fazemos com a mesma clareza com que sempre expomos nosso pensamento.

Pensamos também haver deixado claro que o conhecimento do mundo interno leva ao conhecimento do mundo metafísico, ao mesmo tempo que confere a prerrogativa de conhecer o próprio espírito, que é quem nos introduzirá nele.

Haver-se-á que conceber o mundo metafísico com a mesma realidade com que concebemos o físico, e marchar ao seu encontro não só pelos bens que oferece, mas também, e em grande parte, pelas energias que o aspirante ao saber gera com seu próprio esforço enquanto se vai elevando. Ao fazê-lo, terá em conta que, próxima a ele, plasmada pelas próprias leis supremas, existe uma zona subjacente, na qual correm o risco de extraviar-se aqueles que pretendem conhecê-lo sem antes haver freado os caprichosos voos da fantasia. É a zona da ilusão, a zona quimérica, de onde provém a temerária confusão em torno do mundo metafísico; é o obstáculo que se eleva à passagem dos que não se ampararam nas leis do conhecimento para internar-se nele.

Tem-se visto, ao longo da história, que sempre foi o conhecimento o que permitiu aos homens superar as etapas cumpridas pelas civilizações e deixar, como um tributo ao progresso humano,

a revelação de não poucos mistérios. Cabe aos homens de hoje penetrar ainda mais fundo, mergulhar não só nos inexplorados abismos do cosmos, senão também nas profundezas do mundo mental, para extrair dali os elementos vivos que enriquecem o espírito. Explorador dessas profundidades, o homem verá brilhar a luz dos mistérios acerca de sua origem, ser-lhe-ão revelados em todo o seu esplendor os enigmas ainda indecifráveis sobre a mente humana, e nele reviverão as esperanças semidesvanecidas de um destino melhor.

Quem a isso se dispuser deverá ter em conta que o mundo mental ou metafísico não é acessível à alma. A natureza desta não é sutil e incorpórea como a do espírito, dotado de condições para franquear as portas desse mundo, também incorpóreo. Poderá a alma participar dos bens que nele são prodigalizados, poderá ser receptora de todas as noções que o espírito lhe transmita, mas, por sua própria conta, ela nunca terá acesso. Deve antes propiciar no ser a intervenção do espírito, o qual, por lei de correspondência, lhe permitirá, cada vez com maior amplitude, participar das altas concepções do mundo transcendente, ou seja, de seu mundo, o do espírito.

O homem costuma situar o divino em planos excelsos, enquanto permanece nas trevas de uma voluntária reclusão moral e espiritual. Isso seria admissível se ele não tivesse espírito, e se mais de uma vez não se refletissem em sua mente os sinais inequívocos de uma superioridade limítrofe com as regiões onde supõe que somente existe o divino. Admitir, porém, que o divino está além das possibilidades humanas, admitir sua condição de inacessível, seria negar a capacidade e a elevação hierárquica às grandes almas.

A Sabedoria de Deus dispôs que as verdades que vinculam o homem a seu espírito permaneçam encerradas dentro de seu ser. Ali se encontram, à espera de que ele as descubra, devendo para tanto internar-se dentro de si mesmo e conhecer, desde ali, o mundo metafísico, causa e origem de tudo quanto existe.

Capítulo 6

O homem e suas duas naturezas

Quando Deus criou o homem terreno, sua concepção foi perfeita, como não podia deixar de ser. Fê-lo superior a todo outro ser vivente sobre a terra e, portanto, concedeu-lhe a graça de possuir duas naturezas: a física e a espiritual. Isto explica com farto fundamento a sobrevivência do espírito humano, já que, ao cessar a vida física, permanece a espiritual, formada com os elementos eternos constitutivos da existência.

A natureza física, dotada de um perfeito organismo com função automática e permanente à margem da vontade, com dispositivos e sistemas biológicos que atuam e se comunicam maravilhosamente entre si, e um mecanismo psicológico que se resume na alma, tem cumprido e continuará

cumprindo sua missão humana dentro das necessidades, limitações e perspectivas que dizem respeito à vida do homem, a quem alguém chamou um pouco prematuramente de “rei da criação”. E dizemos alguém porque ninguém pode atestar a veracidade dessa versão que lhe concede tão alta categoria sem os necessários merecimentos. Nessa natureza física, que constitui a base material da existência humana, ficou plasmada uma parte ponderável de sua altíssima concepção, dando lugar a seu gênero como criatura superior; mas essa parte, com sua admirável organização biológica, só tem por finalidade articular a vida com base em necessidades e perspectivas materiais.

Pelo exposto se entenderá que a natureza física é perecível, e o é em virtude de sua corruptibilidade, que culmina com sua desintegração, fato que, devemos ressaltar, não ocorre com o espírito, por ser imutável sua natureza. Porém as mudanças evolutivas que formam os elos da perpetuidade não se produzem nela, mas sim na célula hereditária, substância mental, básica e eminentemente sensível que vai forjando o destino individual de cada homem.

A natureza espiritual do homem, ou seja, a que corresponde ao seu espírito, diferencia-se pois da física pelo fato de ser incorpórea e imperecível. O ser humano deve compreender que todos os seus esforços haverão de encaminhar-se para o predomínio nele de sua natureza espiritual, para experimentar em sua consciência a sensação cabal da perenidade.

Chegar-se-á assim à consubstanciação de ambas as naturezas, a física e a espiritual, ou seja, à conjunção harmônica de dois organismos diferentemente constituídos: um, de pura essência mental, superior; o outro, físico, inferior, sujeito à influência do primeiro, mas sem que esse predomínio altere, como se poderia supor, suas manifestações psicobiológicas normais; ao contrário, a parte espiritual é fator equilibrante entre ambas, criadas para que se complementem de forma admirável. Apreciar-se-á a importância de se conhecer esta dualidade constitutiva da estrutura humana, cujo mecanismo é passível de articular-se e influir com resultados insuspeitados sobre a vida do indivíduo.

Como articulá-lo? Eis a grande pergunta. Evidentemente, não haverá de acontecer em virtude de algum milagre ou graça especial que o conceda.

O homem deve aprender a organizar sua vida para perpetuar-se dentro de sua própria consciência, por ser ela a que lhe permite experimentar a sensação inefável de ser e de existir, e a que concentra, na célula hereditária ou genética, a síntese perfeita de tudo quanto realizou durante a vida. Todas as conquistas em prol do aperfeiçoamento ficam ali impressas, o que contribui para a perpetuidade da herança e configura a verdadeira identidade do ser, bem de sua exclusiva propriedade, no qual está calcada até sua própria fisionomia.

A célula hereditária ou genética é, pois, a portadora da herança espiritual de cada indivíduo. Nela se concentram os valores intelectuais, morais e espirituais que o homem incorpora em cada uma das etapas da vida humana em seu longo existir e, também, tudo o que em seu desfavor tenha feito durante esses períodos de vida. O espírito individual é o depositário dessa herança, da qual o homem dispõe à vontade em cada etapa existencial, desfrutando, segundo o curso que resolva dar à sua vida, os avanços alcançados, ou assumindo a carga dificultosa que o deteve e entreteve. Recolhida e custodiada sempre pelo espírito, a célula hereditária avança através das gerações, porém permanece

em segredo para o homem até que este descubra, mediante o reencontro com seu próprio espírito, os valores do patrimônio individual acumulado ao longo de sua existência.

Como o espírito é o único depositário de nossos bens duradouros e razão de ser de nossa existência consciente, mantida intacta em sua individualidade essencial por todos os ciclos de seu percurso, não será difícil compreender quão necessário é que o ente físico ou alma se acostume a sentir o influxo de sua natureza espiritual, exatamente como experimenta o de sua natureza psicobiológica, ou seja, como um imperativo inevitável. Logo se verá que tão real é uma como a outra, e que, familiarizado com a primeira, o homem vê esclarecida a incógnita de sua misteriosa conformação biopsicoespiritual.

Concernem aos domínios do espírito, e lhe são consubstanciais, os sistemas mental e sensível do indivíduo, seus pensamentos e ideias, suas percepções e toda expressão manifestada pelo ente físico em sua dimensão psíquica caracterizada pela alma.

Nunca será demais chamar a atenção para essa admirável criação que é o próprio homem. Apesar

de parecer, com tanta frequência, que ele queira desmentir isso com sua desalinhada conduta, foi criado sem se omitir um só dos detalhes que fazem dele um ser apto para enfrentar com êxito a grande experiência que o interna nos domínios da evolução consciente.

A Logosofia põe ao alcance de sua inteligência os conhecimentos transcendentais, que são justamente os que o introduzem nessa zona tão pouco transitada, só acessível ao espírito, e estimula permanentemente suas ânsias de aperfeiçoamento, permitindo-lhe conquistar, passo a passo, graus de consciência compatíveis com a realidade vivente de seu espírito. Quando o homem consegue isso, leva dentro de si não só a recordação, mas também a presença de todo o seu existir, o que significa que, ao ter-se consubstanciado com seu espírito, ele se terá consubstanciado também com seu existir ao longo das idades, e já não lhe estará vedado o conhecimento da própria herança.

Capítulo 7

Determinação e esquema da alma

Ao examinarmos o conceito de alma e a identificação que dele se faz com o de espírito, a ponto de confundi-los em estranha sinonímia, vemo-nos obrigados a determinar sua exata posição no tocante a suas faculdades específicas e a sua conexão com o espírito.

Alma é o ente físico em sua configuração psicológica. Anima e move à ação e ao seu desenvolvimento os três sistemas – o mental, o sensível e o instintivo –, mas limitando sua função às prerrogativas humanas comuns, seja no aspecto material, seja no moral e no intelectual. A alma usa da inteligência, da sensibilidade e do instinto para todas as emergências e questões relacionadas com o desenvolvimento da vida física, mesmo em seus aspectos intelectuais mais elevados. Coerente com seu ser físico, tem intervenção ativa no

desenvolvimento biológico do homem. Quando desaparece o sopro da vida, corpo e alma deixam de existir. O mesmo não ocorre com o espírito, pelo fato de sua existência não depender da matéria.

A alma, por sua própria constituição, é inseparável do ser físico. Por isso, ao cessar neste a vida, a alma acompanha o corpo em sua desintegração; é, portanto, perecível. Como se irá vendo, sua perduração na recordação dos demais, pelo reconhecimento de seus méritos, não modifica o que dissemos.

Ao destruir com suas afirmações a chamada imortalidade da alma e proclamar a imortalidade do espírito, a Logosofia não faz mais do que pôr as coisas em seu lugar. Não se trata, pois, de uma simples troca de vocábulos, e sim de determinar funções, sem pretender por isso despojar a alma do papel importantíssimo que desempenha, já que se trata de um agente insubstituível dentro do sistema destinado a coordenar harmonicamente as atividades físicas, psíquicas e espirituais do homem.

Quando o espírito atua em plena harmonia com a alma, a vida não só adquire beleza, mas toda ela é também uma demonstração cabal dos efeitos

transformadores do conhecimento transcendente, que, firmado na consciência, gera crescente atividade, em defesa sempre dos princípios de bem emanados de sua essência.

A Logosofia estabelece sobre alma e espírito conceitos totalmente novos e revolucionários, ao assinalar entre ambos uma diferença substancial. A alma integra, como dissemos, a entidade física em sua parte psicológica; o espírito, não obstante ser uma entidade autônoma, com plena liberdade de movimento, está ligado à alma ou ente físico enquanto este existe em sua estruturação humana. Em virtude de sua essência eterna, e por conter o caudal hereditário do ser que alenta, ele está destinado a desenvolver uma preponderância transcendental sobre a parte física e psicológica do indivíduo.

O processo de evolução consciente, instituído pela Logosofia, faz o homem compreender que, quando transcende as fronteiras que limitam seu entendimento, quando penetra além dos domínios do saber corrente, é seu espírito, e não sua alma, quem emprega a inteligência, a sensibilidade e os recursos energéticos para o desenvolvimento de aptidões superiores. Tão inestimável prerrogativa

lhe exige ser consciente dela e saber que se trata do resultado de um processo de reencontro com seu espírito, mediante o conhecimento gradual e a comprovação experimental de sua realidade metafísica.

Capítulo 8

Esquema do espírito como agente natural de enlace entre o homem e o Criador

As vagas e extravagantes referências que se tinham sobre o espírito levaram o homem a considerá-lo pouco menos que uma abstração, algo fora do alcance de sua razão e sentir. Incorreu, além disso, no erro de admitir como verdades certas hipóteses absurdas, que nada têm a ver com a essência mesma do espírito e sua realidade perfeitamente comprovável.

Quando em outras oportunidades afirmamos que o espírito permanece ausente do ser que anima, quisemos destacar sua exígua participação nas funções reitoras da vida humana, o que não implica sua ausência absoluta, mas sim uma inibição manifesta e compreensível.

Para a Logosofia, o espírito assume o papel mais importante e fundamental:

- a) no desenvolvimento das aptidões humanas;
- b) no funcionamento regular e firme das faculdades da inteligência;
- c) na proliferação de ideias e pensamentos de alto valor;
- d) no enriquecimento da consciência pelo constante aporte de conhecimentos de ordem transcendente;
- e) no fato de sobreviver quando cessa a vida do ente físico, por ser ele quem recolhe e perpetua o existir do homem sem perder sua individualidade em cada ciclo de manifestação corpórea.

Devemos esclarecer que esse papel tão importante e fundamental do espírito na vida do homem só se concretiza quando este lhe oferece as condições necessárias à sua manifestação e desenvolvimento, já que sua função está por cima do ente físico ou alma, e as energias que dele emanam são as que lhe dão firmeza para conduzir sua vida de acordo com os altos fins de sua existência.

Já dissemos que, ao cessar a vida física, o espírito recolhe e leva impressa na célula mental,

hereditária ou genética, a síntese histórica que extrai da consciência do ser físico que integra, cujo valor depende das oportunidades que este lhe foi oferecendo para manifestar-se e governar a vida quanto a formas superiores de existência. Se as atuações anteriores concorreram para realizações elevadas, o espírito entrega, em cada nova etapa de existência, o que delas ficou, as reservas internas acumuladas, o que o homem mesmo foi capaz de fazer, e não mais. Fica subentendido, pois, que a bagagem de saber e de experiência, alcançada no plano comum pela alma ao término de seus dias, é absorvida e conservada pelo espírito, e somente servirá, em ciclos sucessivos de existência, aos mesmos fins comuns para os quais a vida física se abasteceu com essa bagagem. Ao contrário, os conhecimentos e experiências em que o espírito intervém diretamente – aos quais se soma o relativo aporte hereditário – tomam volume e se consubstanciam com a existência imperecível do pensamento e da mente universais, sem que o ser perca sua individualidade resguardada por sua adaptação a seu destino metafísico concretizado na evolução consciente. Eis aqui a diferença fundamental entre as duas situações apresentadas às possibilidades humanas.

O espírito é não só o inspirador, o acumulador de energia, sustentador e perpetuador da existência extrafísica, mas também o agente natural de enlace entre o homem e seu Criador. Naturalmente, ninguém deverá presumir que, ciente disso, já se acha em condições de estabelecer esse contato que obedece à ordem transcendente. É lógico admitir que não se pode aspirar a semelhante benefício sem haver mobilizado antes a consciência, para que o "radar" mental funcione sem defeitos.

Condição indispensável para que o espírito possa cumprir tão alta incumbência é que as atuações da alma se tornem coincidentes com as exigências do espírito, disciplinando-se previamente no adestramento que conduz a esse fim.

Em que consiste tal adestramento? Já dissemos que a alma integra o ser físico em sua parte psicológica; por conseguinte, concerne a ela a tarefa de transformar a mente numa espécie de ateliê de escultura e criar, no ser que anima, o hábito, nunca suficientemente ponderado, de vigiar, superando-os, pensamentos e ações. Os primeiros reajustes disciplinares, possíveis de

realizar por meio de nosso método, permitem a intervenção gradual do espírito, o qual, ao tomar as rédeas da vida, vai introduzindo no ser fecundas variações em sua forma de pensar, de sentir, de ver, de entender, etc. É assim como se produz a identificação do espírito com o ente físico ou alma, identificação que culmina com sua mais alta manifestação quando o homem cumpriu todas as etapas de seu aperfeiçoamento.

O espírito humano não possui o dom da autoevolução consciente. Como unidade cósmica, requer aperfeiçoar-se, tomando consciência, enquanto evolui, dos conhecimentos que existem na Criação. Tal afazer requer seu necessário acoplamento com a alma ou ente físico, fato que se produz por imantação da mesma força hereditária que os atrai e pela participação permanente da consciência. Ambos, espírito e alma, começam assim a percorrer juntos o longo caminho da evolução consciente, completando-se em seu percurso a grande experiência que há de revelar ao homem o enigma culminante de sua existência.

Quando o homem eleva sua mente acima das preocupações comuns, surge em sua inteligência

um vivo resplendor que se projeta sobre as coisas que concernem ao espírito, familiarizando-o com elas. Em sua mente flui uma nova capacidade de compreender e de realizar, e invade sua alma um estado super-humano, pois implica nada menos que o enlace de sua inteligência com o mundo superior, com o mundo das grandes ideias, dos pensamentos elevados e das altas concepções do espírito. É ali onde o homem percebe que se diviniza, porque em seu progressivo esforço de superação alcança as privilegiadas regiões do espírito e estabelece os primeiros contatos com a vida universal, onde reina o Pensamento de Deus.

A Logosofia tem expressado reiteradamente que não há outro intermediário entre Deus e o homem que seu próprio espírito, com quem deve vincular-se e a quem deve oferecer a direção de sua vida. Alcança-se essa finalidade enriquecendo a consciência por meio do conhecimento transcendente, pois só assim pode o homem compreender qual é sua missão e como está constituído seu ser imaterial, seu próprio espírito, agente que responde ao influxo da eterna Consciência Universal e leva consigo, ao longo dos tempos, o signo cósmico da existência individual.

Por tudo o que dissemos, ter-se-á em conta que o espírito, contrariamente às hipóteses sustentadas até o presente, não é a alma, nem é tampouco esse complexo superior dos raciocínios e das inspirações da mente, cujas excelências não definem nem particularizam sua realidade existencial.

Fizemos um resumido esquema do espírito para plasmar melhor a ideia central de indivíduo; ideia que no curso deste trabalho se irá complementando, de acordo com as diversas fases e aspectos deste singular e profundo conhecimento sobre a integração física e espiritual do ser humano.

Capítulo 9

Como se dá a aproximação e o contato com o espírito

Sugerimos àqueles que se interessem por nossa ciência dedicar-se ao estudo minucioso de todas as circunstâncias em que o espírito se manifesta com total prescindência da própria vontade e consciência. A análise porá em evidência que o fato se produz com relativa frequência. Logo, se se repete, se não se trata de um fato isolado, deve merecer – e como merece! – a maior atenção de nossa parte.

De modo algum podemos estabelecer uma vinculação consciente com o espírito se começamos por ignorar ou não admitir que essas manifestações são uma realidade inquestionável. Devemos pisar firme e, assim como em toda investigação é necessário manter em pé uma margem de confiança tanto no procedimento que se emprega como no fim que

se persegue, também assim devemos nos prover da necessária dose de circunspecção e liberdade para enfrentar um labor de tanta transcendência.

Mencionamos aqui, por ser de todo indispensável e para que se tenha uma impressão inequívoca da seriedade de nossa palavra, que, antes de encarar a aproximação e o contato consciente com o espírito, impõe-se, por rigorosa exigência do alto conhecimento que torna isso factível, realizar o processo de evolução consciente que, como sabemos, implicitamente se define pelo conhecimento de si mesmo e do mundo metafísico. Compreender-se-á que a tarefa deve começar no interior do ser, para estender-se depois ao cosmo, já que nessa tarefa se descobrem, uma a uma, as leis universais que regem a Criação.

Fácil haverá de ser a todo entendimento admitir a lógica desta advertência que formulamos, para que ninguém incorra em engano, acreditando que pode utilizar os conhecimentos logosóficos como panaceia para, num instante, obter resultados mágicos nesta ordem de investigações, o que implica nada menos que tocar fundo num dos arcanos mais insondáveis da existência humana.

Salta à vista que o processo de aproximação e vinculação íntima com o próprio espírito requer tempo e paciência, consubstanciados num empenho constante e sincero. Se alguém assegurasse haver estabelecido essa conexão, lhe responderíamos que um conhecimento assim não se guarda nos bolsos, nem se consegue sem haver antes percorrido o único caminho para alcançá-lo. O homem não pode reservar para si o que, por dever inescusável, requer ser compartilhado com seus semelhantes. Até este preciso momento, não temos nenhuma notícia de que alguém tenha encarado esta questão com a seriedade e precisão com que o fazemos.

Muito a contragosto, vemo-nos obrigados a insistir nessa afirmação, para que ninguém confunda os claros pronunciamentos da concepção logosófica com os já divulgados, porque diferem fundamentalmente, sem que exista o menor ponto de coincidência entre tão opostas apreciações. O homem de hoje e a humanidade de amanhã, formados nesta nova cultura, haverão de avaliar e julgar, por própria conta e experiência, de que lado se encontra a verdade e de que lado o erro.

Seguindo o curso de nossa exposição, queremos chamar mais uma vez a atenção para um fato que consideramos vital para melhor compreender o desenvolvimento dos conhecimentos que direta ou indiretamente dizem respeito ao tema. Esse fato é o seguinte: os contatos com o próprio espírito têm-se produzido e seguem produzindo-se inconscientemente, em razão de haver sido ignorada sua realidade dimensional, sujeita contudo às modificações que a seu favor se produzam no interior de cada indivíduo. Isto leva a pensar que é absolutamente necessário estabelecer esse contato conscientemente, para extrair a essência viva do existir que alenta nossa vida, pois depende dessa relação direta e consciente o acerto com que devemos levar avante nossa aproximação e identificação com ele. Não busquemos sua presença fora de nós, nem pretendamos vê-lo com os olhos do cético, porque nenhum resultado se obterá por tais vias. Para sentir sua realidade e poder receber o influxo de seus diáfanos e inefáveis ditados, temos de preparar nosso equipamento psicológico e mental. Dele poderá servir-se o espírito, aumentando ao máximo as possibilidades de nossa capacidade mental e sensível. Quando isso acontece, experimentamos a sensação de assistir a uma notável mudança interna. As duas naturezas,

a espiritual e a física, terminam por fundir-se, após uma luta pelo predomínio de uma sobre a outra.

Não será demais indicar o melhor comportamento para iniciar o ansiado trato com o ente incorpóreo de quem nos estamos ocupando. Após a preparação lógica que já assinalamos, cumprirá invocá-lo e falar-lhe em seu idioma metafísico, o único que escuta, por ser da sua mesma essência. Como se faz? Muito simples. É necessário que se constitua em nós uma permanente expressão de anelos no sentido de alcançar o fim a que nos propusemos, tal como o fazemos para outros fins da vida, e não ceder no empenho até obter os primeiros resultados. O idioma metafísico se revela na mente humana pelo conhecimento que dele vai tendo, à medida que se familiariza com os termos que lhe são consubstanciais.

A familiarização constante com a terminologia logosófica, que implica penetrar bem a fundo no conteúdo real das palavras, especialmente daquelas que encerram determinados conceitos, faz com que o espírito se comova e se sinta atraído para a esfera de atuação de nossa inteligência. Porém, simultaneamente, há que enriquecer a

consciência, incorporando nela os conhecimentos que, a modo de ímã, atraem e absorvem os que o próprio espírito custodia. Serão assim superadas as dificuldades que o impediram de cumprir com sua elevada e grande incumbência.

Vamos nos referir agora, por considerá-lo ilustrativo e oportuno, ao erro que involuntariamente a generalidade dos seres humanos comete, quando crê que, ao proporcionar a si qualquer deleite estético, recreia seu espírito. A mesma observação vale para o homem que fala de seu espírito com uma ausência tal de sentido que dá a impressão de acreditar que o tem sempre à sua disposição. Crasso erro; não se atrai o espírito tão facilmente, depois de se haver prescindido dele durante todo o curso da vida. Tal esquecimento só se justifica pela ignorância ou inconsciência do indivíduo. A atenuante, porém, não diminui em nada suas consequências, ou seja, o retardamento da própria evolução.

Com boas razões afirmamos que o espírito desconfia do ser físico quando este pretende atraí-lo em circunstâncias fúteis, já que não se persegue com isso nenhum objetivo compatível com a seriedade que o espírito demanda.

A convivência com o próprio ente incorpóreo se produz mediante um processo de familiarização mútua, que em cada ser humano se concretiza segundo sua capacidade individual de realização. No ente físico ou alma, ela se verifica pelo processo de evolução consciente, porque eleva suas possibilidades e lhe permite alcançar a zona mental do mundo metafísico onde atua o espírito; e, neste último, ao retomar em forma gradual a ascendência que perdera com a puberdade do ente físico.

Os conhecimentos logosóficos facilitam e ao mesmo tempo servem de ponte para alcançar esse acontecimento maravilhoso, impossível de conseguir por outros meios. Isto implica, segundo já ressaltamos, um comportamento ajustado a tal aspiração, para não defraudar as próprias esperanças e cair no engano. O empenho e a constância no prosseguimento da empresa, para que os melhores resultados sejam assegurados, deve manter-se firme, como um imperativo irrenunciável. Nada melhor, nesse caso, que recorrer ao que logosoficamente denominamos “pensamento-autoridade”. Trata-se de um pensamento instituído na mente pela vontade do próprio indivíduo. É o encarregado de dar permanência a suas aspirações e

propósitos, fazendo com que prevaleçam sobre toda ingerência que atente contra sua determinação de evoluir conscientemente, ou seja, evoluir de conformidade com a preceptiva logosófica e com o cabal cumprimento das leis universais. Fixar no pensamento-autoridade a imagem de que nada é comparável a este magnífico transcender – obstáculo após obstáculo – as limitações humanas, é fazer-se merecedor de uma recompensa infinitamente superior ao esforço, e de efeitos perduráveis.

Vemos, assim, o erro daqueles que pretenderam transpor os propileus metafísicos sem o concurso inestimável do próprio espírito. Por elevado que seja seu desenvolvimento intelectual, a mente comum, manejada pelo ente físico, não consegue jamais penetrar na realidade do mundo metafísico, porque lhe falta o essencial: conhecer seu próprio espírito e encontrar com ele a forma e o meio de consumir tão elevada aspiração.

Capítulo 10

Articulação do mecanismo psíquico humano

No curso do presente capítulo se poderá apreciar melhor como se articula, por meio do processo de evolução consciente, essa maravilhosa estrutura psíquica que faz do homem uma figura de relevo entre os demais seres vivos.

Temos de convir, não obstante, que o fato de ele achar-se tão bem condicionado para a realização de seu aperfeiçoamento integral não tem sido suficiente para adverti-lo de que está facultado para assumir tão grande como honrosa responsabilidade; e isso ele mesmo comprova, tão logo resolve dirigir seus passos pelo caminho da evolução consciente, a qual, ao iniciá-lo no uso correto de seu mecanismo psicológico, permite-lhe aqui-latar os benefícios que ela lhe outorga.

Pela primeira vez na história da humanidade é possível ao homem ilustrar-se acerca da existência nele de um sistema mental que, ao ativar-se mediante o conhecimento de seus delicados mecanismos, se converte na simbólica chave mágica que abre o hermetismo dessas portas fechadas durante séculos aos requerimentos de sua razão.

A Logosofia dá primordial importância à mente humana, reconhecendo-lhe prerrogativas transcendentais. Educada numa cultura superior mediante o exercício e prática dos conhecimentos que ela põe a seu alcance, a mente se torna instrumento soberano da consciência, com aptidões tanto mais fecundas quanto mais transcendentais sejam os conhecimentos que a iluminam.

É de todo necessário insistir sobre o papel principalíssimo que o conhecimento desempenha na tarefa de articular o jogo sublime das faculdades da mente, por ser ali onde a inteligência, em harmonia com os conhecimentos que a ilustram, faz com que estes se fixem na consciência, criando-se assim a consciência transcendente, depositária dos conhecimentos, transcendentais

também, que hierarquizam o patrimônio hereditário individual.

É importante destacar que a consciência, interligada com a inteligência, somente pode manifestar-se por meio desta. Por sua vez, a consciência recebe o eflúvio das verdades que por via da inteligência penetram no ser em forma de conhecimentos, e com ele se enriquece. Certamente, as funções de tão inestimável como sutil mecanismo escapam à captação de quem não intervém nele como executor consciente do esforço que demanda, mesmo se considerarmos que não há de ser difícil deduzir que a consciência usa da inteligência para manifestar-se e ao mesmo tempo enriquecer-se, o que torna a mente diáfana como a própria consciência, respondendo aos ditados desta última numa ação tanto mais fecunda quanto mais iluminada ela se encontre por efeito do saber.

Deve-se procurar, pois, uma comunhão perfeita entre mente e consciência, porque os conhecimentos depositados nela pela mente afluem a esta assim que deles necessita. Isso significa que a consciência põe à disposição da mente,

iluminando-a, os conhecimentos que esta oferece para depositar naquela. Por sua vez, a consciência é correspondida pela mente em virtude das funções interdependentes que realizam.

Não poderia ficar à margem de quem se propõe a encarar tão meritório labor o sistema sensível, uma vez que o conhecimento transcendente regula os movimentos da inteligência e da sensibilidade, o que explica a importância assumida pelo contato harmônico de ambos os sistemas dentro do complexo mundo interior do homem.

Resta-nos ainda particularizar a correspondência direta entre espírito e consciência, a qual se amplia, como dissemos, em razão dos conhecimentos que absorve. Ao ampliar-se, a consciência dá ao espírito a oportunidade de manifestar-se, e permite não só captar seu influxo, que continuamente insta o homem a um maior esforço, mas também experimentar a amplidão que a vida vai tomando quando começa a ser governada pelo espírito.

Tudo o que vive no Universo está movido por uma mesma e única fonte de energia. Em âmbito menor, também o homem conta dentro

de si com essa mesma fonte, a qual se ativa ao pôr-se em contato com a vida universal. Essa fonte de energia é a consciência, única capaz de mover todo o mecanismo psicológico humano e, com isso, os canais do sentimento, o que torna os homens grandes, abnegados e nobres.

Capítulo 11

Presença do espírito na infância e na adolescência

Durante a infância, o espírito se manifesta no ente físico ou alma da criança para preservá-la dos males que a espreitam e partilhar com ela momentos muito gratos. Não raro surpreendemos seu riso, na vigília ou quando dorme, sem que aparentemente haja motivo algum que o justifique. É que o espírito se faz de "avô jovial" e sugere à incipiente reflexão da criança coisas que, mesmo sem compreendê-las, lhe causam um júbilo inocente. Não obstante, algumas costumam ficar gravadas em sua mente, para reaparecer depois no adulto como incentivos ou inspirações que iluminam sua marcha pelo mundo. Mas há, além disso, um fato a que nos referimos em estudos anteriores¹ e que, agora,

¹ Veja-se *O Senhor de Sândara* (págs. 490-492), do autor.

vamos destacar com o alcance de uma revelação, por conter valores extraordinários para a orientação atual e futura da infância e da adolescência. Estamos nos referindo à atuação do espírito nesse período compreendido entre o nascimento e a puberdade. Durante esse lapso de tempo, contrariamente ao que se pensou até agora, ou seja, que a mente da criança é inepta para compreender certas manifestações da vida adulta, sendo relegada a meras adaptações primárias de conceitos, sua mente pode captar e compreender sem maior esforço muitas dessas manifestações, por facilitá-lo seu próprio espírito.

A Logosofia revela que, durante essa primeira idade, as possibilidades humanas são assombrosamente fecundas para o desenvolvimento natural da vida consciente, com todas as prerrogativas que a evolução lhe abre no curso de sua existência. A mente da criança é terra virgem e fértil. Constitui, pois, não só uma necessidade, mas também uma obrigação moral e racional inevitável, contribuir para que germinem, nos pequenos mas fecundos campos mentais da criança, sementes ótimas, sementes que contenham em possibilidade de manifestação os recursos de que a inteligência

do homem necessita para emancipar-se de toda pressão estranha a seu pensar e sentir, e vencer as dificuldades que há de enfrentar no curso da vida.

Destacamos como nocivo e como total desacerto, causa de grandes prejuízos ao existir humano, qualquer ideia ou crença que se inculque na criança e que seja contrária à verdade ou à realidade que ela, já adulta, haverá de comprovar por si mesma. A mente infantil é sensível por excelência. Grava de forma quase indelével as imagens que os maiores plasmam nela como sugestões. É o que acontece, por exemplo, quando se infunde na criança o temor a Deus, provocando-lhe uma angústia tão inútil como perniciosa para sua formação psicológica e moral, sem haver cometido ainda falta alguma e sem ter a menor ideia do que é um agravo à moral, à decência ou à honradez. Também se lhe inculca o temor ao diabo, assustando-a com o chamado "inferno". Nenhuma dessas imagens é construtiva, e ambas, ao contrário, a deprimem extremamente, já que, carente a criança de defesas mentais, abandona-se à influência de uma sugestão que intumesce certas zonas de sua mente, produzindo a "psiqueálise", ou seja, a paralisação de uma parte de seu sistema mental, justamente

na zona onde seu espírito pode manifestar-se com vistas a reinar em sua vida e conectá-la ao arcano de sua própria herança. Como se vê, a errônea intervenção dos maiores em sua função de preceptores espirituais, de pedagogos ou pais na formação moral, mental e psicológica da criança é causa dos desvios que a juventude hoje padece, com a consequente preocupação geral, da qual quase ninguém escapa. Considerando a importância dessa causa, a expomos hoje à consciência de todos os seres humanos, tendo em vista a solução que tão aflitivo problema exige e urge.

É necessário favorecer nas crianças as manifestações tutelares de seu espírito, evitando tudo quanto possa anular seu inestimável auxílio. Para tanto, não se devem plasmar em sua mente pensamentos, ideias ou palavras que as inibam ou restrinjam sua liberdade de pensar. Tampouco se devem oferecer a elas deprimentes espetáculos morais de família, ou deixar que escutem relatos de fatos delituosos, por não estar em idade de compreendê-los. Deve-se, isso sim, estimulá-las no amor a Deus, fonte de toda Sabedoria; mas que esse amor se manifeste como elevada vocação para o estudo e o conhecimento ulterior

das verdades, na dimensão que a cada um é dado conhecê-las, isto é, na medida da capacidade individualmente alcançada.

Quanto ao amor a seus pais, irmãos e semelhantes, não se trata tanto de matéria de ensinamento, senão de exemplo. Nisso, como no erro que anteriormente apontamos, é onde falha a maioria. Poucos são em verdade os que, com o exemplo, inspiram esse amor entranhável que cada filho deve sentir por seus pais. Poucos são em verdade os irmãos maiores que, com seu exemplo, ensinam aos menores o culto ao afeto ou ao respeito recíproco. E que diremos do que ocorre de semelhante a semelhante, quando se carece de elementos básicos para a estruturação moral capaz de manter uma convivência feliz?

Se o espírito percebe que o ser a quem ele anima é ajudado no favorecimento de sua evolução, se vê que não lhe são impostas ideias ou crenças que repele por inoperantes, ele próprio se converte em fator determinante de seu pensar e sentir que, embora incipiente na criança, constitui a base sólida de sua sadia e ampla formação mental, moral e espiritual.

Queremos com isto significar que o espírito não nasce com o ser humano, senão que é o ente imaterial que se vai formando no curso de nossas vidas com o que tenhamos sido capazes de acumular na qualidade de patrimônio extrafísico próprio. Contém o provado caudal da própria herança, o que significa, sem dúvida, que a dimensão de sua experiência e de sua idade é superior à do ser físico a quem anima, pois é a soma dos valores extraídos de cada período de vida do ser individual, seja neste mundo, seja no mundo mental ou metafísico.

Pensamos haver explicado com suficiente clareza as dimensões deste fundamental conhecimento, que revela até que ponto se estendem as possibilidades humanas, e em que medida foi ignorado por parte daqueles que, se o soubessem, teriam tido o dever de ensiná-lo a toda a humanidade. Ao não fazê-lo, provaram sua incompetência e confessaram suas infrutíferas tentativas de ir além das reflexões comuns.

De nossa parte, aprofundaremos ainda mais o tema para destacar alguns fatos que conceituamos dignos de explicação e ilustrativos da

atividade do espírito nos primeiros onze anos de vida física do homem.

A intervenção direta do espírito no cuidado da vida infantil é inegável. Em frequentes observações, pudemos comprovar essa intervenção e a forma como o espírito exerce sua influência nos movimentos inconscientes da criança. Faz muitos anos, o autor deste livro se encontrava de férias num local de veraneio do País. Contíguo à casa que ocupava, erguia-se um casarão antigo, que ostentava no alto da fachada, sobre larga cornija, grandes vasos de concreto, onde ervas abundantes proliferavam. Na calçada que rodeava a casa, debaixo de uma daquelas atalaias de cimento, brincavam três meninos, o maior de sete anos apenas. Separava a casa, como cerca, uma tela de arame de forte textura, que lhe permitia observar, do jardim onde se achava reunido com várias pessoas, o entretenimento dos pequenos. Subitamente, um dos três meninos, o maior talvez, abandonou a brincadeira e instou seus companheiros a se afastarem do lugar. Haviam andado apenas alguns passos, quando o assombro tomou conta dos que observavam a cena, ao ver cair, sobre a área que os garotos haviam ocupado, o pesado vaso que momentos

antes se erguia como adorno no alto do edifício. Para quem observa com amplidão de juízo tal episódio, não há dúvida de que nele participou o espírito do menino, ou o dos três, já que foi quase unânime o impulso de mudar de lugar que em conjunto experimentaram.

Outro testemunho: Certa vez um menino de uns oito anos brincava correndo entre os trilhos de uma estrada de ferro, no momento em que se aproximava velozmente um trem de passageiros. Absorto em seu mundo, não percebeu o que ocorria, nem pôde ouvir, por causa do estrondoso barulho do comboio, os gritos daqueles que lhe faziam sinal sobre o perigo. Nesse momento, um providencial tropeção o arrojou fora do alcance da terrível máquina e impediu que fosse sugado pela tromba de ar deslocada pelos vagões em sua vertiginosa marcha. O que provocou o tropeção? Quem o salvou de um final doloroso no início da vida? Só e unicamente seu próprio espírito, expressão sublime da previsão suprema, que desse modo ampara cada criança durante sua total inconsciência dos perigos que a espreitam, aos quais tão exposta se acha nesse incerto período da vida humana.

Como estes, poderíamos citar uma infinidade de casos, aos quais teriam de ser acrescentados os que o leitor conserva sem dúvida na memória, seja como observações, seja como episódios vividos por ele mesmo. Os que expusemos bastam, porém, para se formar um juízo da evidência com que o espírito se manifesta em defesa do ser que anima. Atribuir isso a outras causas ou fatores é pisar no solo resvaladiço das presunções, que só levam a manter indefinidamente o desconhecimento de uma realidade que tão importante valor assume no desenvolvimento das aptidões morais e mentais do indivíduo, e que tanto contribui para enaltecer a vida e dar-lhe um conteúdo espiritual de insuspeitados alcances.

Não obstante, poderá alguém nos perguntar: "Por que morrem diariamente tantas crianças em acidentes? Como fica nesses casos a proteção do espírito?" A resposta a estas lógicas indagações não destrói nossa afirmação, pois nem todas as vidas seguem o mesmo curso, nem sobre elas atuam os mesmos fatores. As leis que nos conferem liberdade sobre nossos atos são as que determinam, depois, os prós e os contras manifestados ao longo de nossa existência. Não nos esqueçamos, então, de

que a vida de uma criança pode estar condicionada ao veredicto das leis no que se refere ao desenvolvimento evolutivo de seus pais ou dela mesma. Além disso, as consequências que as impreviões e descuidos acarretam – causa muitas vezes de dolorosos acidentes com as crianças – não formam também parte das duras experiências da vida?

Seguindo a ordem desta exposição, fruto de detidas investigações combinadas com a aplicação de conhecimentos logosóficos que penetram a fundo nas complexas articulações da psicologia humana, apontaremos agora um acontecimento que se verifica com todas as almas ao chegar à puberdade. O despertar desta idade crítica traz, como consequência, o retraimento do espírito. É justamente nessa idade, a mais necessitada de noções precisas sobre o espírito, que o ser se encontra órfão de toda explicação ilustrativa além daquelas que os maiores lhe costumam dar de forma ambígua e confusa. Apenas de passagem, não esqueçamos que estes por sua vez receberam de outros, em seu tempo, conceitos igualmente errôneos.

O retraimento que o espírito se impõe, com o surgimento da adolescência, ocorre porque nessa

idade o instinto toma força, surgem as paixões, e o ente físico se vê de repente submerso no mais cru materialismo. E aqui devemos destacar um fato que se repete uma infinidade de vezes: o espírito sofre, em tais circunstâncias, um eclipse que chega em muitos casos a ser quase que definitivo. Não se notam, com efeito, nem sequer vestígios de sua existência nos pensamentos, ideias ou atos de um sem-número de seres que terminam suas vidas em irreparável declínio.

Vejamos, agora, como se pode neutralizar a influência do instinto durante a puberdade e evitar que ela anule a do espírito. No campo experimental das atividades logosóficas, tem-se podido comprovar que a atenção especial consagrada às crianças, com o emprego do método logosófico, lhes permite entrar na puberdade sem que sejam surpreendidas por temores, coibições e toda essa gama de sugestões que o despertar do sexo traz consigo. É precisamente nessas circunstâncias que afloram na mente e no sentir do adolescente as imagens sombrias que lhe foram inculcadas na infância. O temor a Deus o escraviza e oprime, não lhe permitindo refletir sobre suas próprias dificuldades. Acossado pelos pensamentos, sente-se quase que um infrator das leis

naturais. Isto geralmente o leva a cometer imprudências e desacertos que agravam cada vez mais seu desamparo moral. A Logosofia previu essa inquietante situação a que é submetido o adolescente, por carecer ele de recursos para enfrentar a inevitável passagem entre uma idade e outra. Ensina-lhe a criar suas próprias defesas mentais e o guia no conhecimento gradual das contingências que deve enfrentar, para que as resolva pela via natural da reflexão serena sobre os fatos. Desta maneira, consegue-se que o espírito mantenha sobre o ser sua influência como na infância; e é na força mental e psíquica que ele lhe ministra que o adolescente encontra o ponto de apoio para não se desencaminhar em tão delicada prova de sua experiência no mundo.

Naturalmente, a moral do lar logosófico contribui de maneira decisiva para formar nas crianças e adolescentes uma ideia inequívoca do desenvolvimento da vida em seus termos mais prudentes e sensatos. A força do exemplo do lar os leva depois a verificar o que ocorre nos ambientes não logosóficos e a julgar por si mesmos a conveniência de ser cada um deles dono de seus pensamentos e de seus atos. Buscam, assim, a trilha moral para o aproveitamento de suas energias internas, que o próprio

espírito individual sabe orientar muito bem, sobrepujando sem maiores dificuldades as alternativas desse período crítico da vida.

Deve-se entender que, quando o adolescente não evidencia as defesas mentais que a Logosofia lhe ensina a organizar, se vê obrigado a manter penosas lutas entre seu pensar e seu sentir. Muitas dessas lutas debilitam visivelmente sua saúde e abalam sua moral. Com tais desvantagens, fruto da ignorância e da inexperiência, passa pela idade púbere e entra na vida. As novas preocupações lhe vão devolvendo pouco a pouco o equilíbrio funcional de suas ocorrências internas, porém no andar pelos caminhos do mundo sem uma orientação segura logo é colhido por novas acometidas do instinto e pelas não menos impetuosas investidas de certos pensamentos que, dentro de sua mente, tratam de apoderar-se do governo de sua vida.

Considerando serenamente os sérios riscos que uma infância e uma juventude descuidadas ocasionam à criatura humana, é fácil apreciar a importância que tem, desde a primeira idade, preservar a criança de preconceitos, de crenças e de toda ideia sugestionante e inibitória que atente contra o desenvolvimento

normal de sua natureza pensante e dos demais atributos afins com sua condição de superioridade entre os seres criados. A criança deixará assim seu mundo, o da infância, para entrar no da adolescência provida de defesas contra as contaminações que a ameaçam, ao que se deve somar, logicamente, a assistência dos maiores, aos quais cabe o dever de familiarizá-la com o panorama de uma vida que para ela repentinamente mudou. Quantas vezes, porém, a vemos entregue aos próprios recursos, sem mais governo sobre si que as ilusões que surgem frondosas de sua imaginação, em virtude desse aglomerado de manifestações novas e de todo tipo que sua natureza experimenta. Recordemos, não obstante, que não são poucos os casos em que uma ideia inesperada, uma reação saudável no instante mesmo de dar um mau passo, pareceria querer dar-nos testemunho de que não desapareceram totalmente as influências sadias e inocentes daquele primeiro período da existência, sem dúvida como reminiscências com que a Sabedoria Universal ampara o incipiente explorador que se interna às cegas no complicado mundo da grande experiência humana.

A Logosofia indica ao homem o caminho, ao revelar ao seu entendimento as possibilidades que

tem para o reencontro com seu espírito e para experimentar conscientemente a realidade de sua existência. É preferível, e altamente benéfico para a alma, dominar o campo de suas possibilidades a seguir ignorando-as. O clarão de uma luz na escuridão da noite, quando esta nos colhe na vastidão dos pampas, pode servir-nos de orientação; devemos, porém, recorrer a nossas forças para chegar até o lugar iluminado. O experiente não necessita desse clarão, pois leva dentro de si a orientação precisa para não se extraviar.

Capítulo 12

Algo importante relativo à herança, que também concerne ao destino do homem

Das observações e constatações obtidas pela investigação logosófica, pode-se estabelecer que o espírito recolhe e conserva, do ser que anima, os bens substanciais que integram o patrimônio da própria herança. Triste é reconhecer, porém, que na imensa maioria dos homens esses bens quase não existem, por viverem numa lamentável indigência espiritual. Salta aos olhos quão poucos puderam aumentar tão precioso acervo e, se o fizeram, foi sem ter verdadeira consciência disso. Surge com evidência o que asseveramos, sem os véus do mistério, no caso das crianças-prodígio, realidade humana sobre a qual nunca se deu uma explicação satisfatória.

Já dissemos que o espírito protege o ente físico e com ele convive, por assim dizer, durante os anos de sua infância. Pois bem, quando excepcionalmente se produz, por impulso da própria herança, o despertar prematuro de uma faculdade – a retentiva ou da memória, por exemplo –, o próprio espírito a usa para conectá-la ao saber acumulado nessa herança. Exaltada essa faculdade até o limite da realização que a precedeu, comprova-se o maravilhoso encontro das duas naturezas atuando em conjunto, embora a própria criança não tenha a menor consciência disso, porquanto é alheia ao processo que influiu no desenvolvimento prematuro dessa faculdade. O prodígio desaparece comumente nas primeiras manifestações púberes, pela influência do instinto nessa idade. Há casos, todavia, em que o influxo do espírito se prolonga por intermédio de uma inclinação ou vocação que coincide com a de épocas passadas. A reminiscência toma, assim, força de realidade num renascer estético que, transpondo a idade do esquecimento na puberdade, se reencontra florescendo muitas vezes em plena juventude. O mesmo caso se percebe na facilidade que muitos seres têm de exercer uma profissão ou dominar determinado

campo das atividades humanas. Para o sagaz e hábil observador nesta classe de investigações, fica bem claro que em tais seres se define, com caracteres irrefutáveis, o aproveitamento, embora de forma inconsciente, da herança de si mesmo, concepção exposta num de nossos trabalhos anteriores¹.

Apoia nossa asseveração o fato de que homens de inteligência preclara, destacados num ou noutro ramo da ciência ou da arte, favorecidos por essa herança, nem sempre mostram condições de igual hierarquia na ordem dos valores morais e espirituais. São muitos os que não acusam um grau de aperfeiçoamento interno acorde com sua genialidade. São conhecidos também os desequilíbrios causados pela exaltação unilateral das faculdades, que, deleitando o indivíduo às vezes até a embriaguez, anula qualquer outra possibilidade nobre de sua natureza. Pareceria perceber-se nisso a mão do Criador, mostrando-nos que a vida deve elevar-se em todas as suas manifestações.

¹ Veja-se *A Herança de Si Mesmo*, do autor.

Os bens que o espírito põe ao nosso alcance por via da evolução consciente, em graus de crescente avanço, longe de produzir desequilíbrios, favorecem a harmonização de todas as faculdades que configuram a psicologia humana, o que de nenhum modo implica deixar de sobressair em determinados campos da inteligência. A Logosofia ensina o homem a ser consciente dos bens herdados do espírito e a usufruí-los com proveito para sua evolução. Como se poderá apreciar, o fato tem uma importância decisiva no destino que cada qual deva forjar para seu bem.

Apesar do já exposto sobre esta atividade do próprio ente incorpóreo, que tão fundamental missão desempenha no destino de nossa existência, vamos assinalar alguns episódios que explicam o porquê de acontecimentos que não obedeceram precisamente ao saber nem à vontade do indivíduo. Tem-se dito, por exemplo, desde a Antiguidade, e até hoje se repete – mesmo que não passe de uma figura poética –, que os artistas recebem sua força inspiradora de certas deidades, as Musas, ou de uma potestade genérica chamada Nume. Formosa ilusão! Porém, mil vezes mais formoso e real é saber agora, concretamente, que o próprio espírito é quem extrai do haver hereditário o elixir mental que torna

possível a obra de arte, a criação musical ou o êxtase poético; é também saber que é ele quem faz possíveis, nos campos de batalha e nos da ciência, suas heroicas e abnegadas façanhas. O certo é que não respondem a inspirações abstratas, mas sim a cabais manifestações do espírito de seus protagonistas.

Esse haver hereditário, até agora ignorado, pode ser comparado aos fundos que reiteradamente vamos depositando num banco e que, em certo momento, extraímos para incrementá-los em alguma operação comercial ou financeira. Constituem, por conseguinte, nossas próprias reservas. Assim, pois, quem em nenhuma etapa de vida física dedicou seus esforços a determinada preferência – à arte, por exemplo – e em dado momento resolve dedicar-se a ela, em vão reclamará a assistência de seu espírito, porque nessa “conta bancária” não se acha depositado fundo algum, e, é lógico, o referido “nume” não poderá inspirá-lo.

Não se pense, porém, que a assistência do espírito a que aludimos tem algo a ver com o processo de evolução consciente que a Logosofia ensina a realizar. Não; fizemos menção a ela com o objetivo de mostrar, por um lado, como se produzem essas

manifestações à margem do saber e da vontade do indivíduo e, por outro, para salientar o erro de atribuí-las a uma irreabilidade, a uma figura estéril para a vida humana.

Muito diferente é, por certo, quando o ente físico, instruído por estes conhecimentos, consagra sua vida à mais elevada e extraordinária das artes, que é a de forjar a própria escultura, plasmando-a em realizações do mais alto valor transcendente, ou seja, a obra de aperfeiçoamento individual, que leva implícito o hálito imortal da Sabedoria. Esta obra não poderá jamais ser executada sem que antes sejam postos em condições os sistemas que integram a psicologia humana e, muito especialmente, sem a manutenção duradoura dos estados conscientes, pois a consciência não deve permanecer alheia a nenhum movimento volitivo que tenda a esse fim.

Devemos anotar aqui outro fato não menos importante: a possibilidade que oferecemos ao próprio espírito para que recolha e conserve todo o conteúdo valioso de nossa vida, como realização superior em cada um dos auspiciosos acontecimentos que a evolução consciente vá determinando. Estamos nos referindo à herança de si mesmo, isto é,

a tudo o que cheguemos a ser e possuir em sabedoria, em função da capacidade mental alcançada nas esferas do mundo metafísico. A Logosofia define esse mundo como o âmbito cósmico onde atuam as leis universais em suas múltiplas configurações e efeitos. Por tal motivo, abarcar a dimensão deste saber é algo que sempre dependerá do esforço individual, do empenho que cada um ponha de si na consumação do processo de sua evolução consciente. Devemos ressaltar, contudo, que os que seguem as disciplinas logosóficas são assistidos eficazmente pelos mais avançados no cultivo desta ciência, e essa ajuda é de inestimável valor para fixar com clareza a conduta que deve ser seguida em cada circunstância e alcançar, após o estudo e a realização interna, um pleno domínio de cada conhecimento logosófico.

Não devemos esquecer que o advento do próprio espírito é um acontecimento que implica um renascer e uma permanente modificação essencial da vida e, portanto, do próprio destino. Quem assim não o entenda antes que o fato se produza, e pense que poderá continuar com as mesmas expressões rotineiras e vulgares da vida corrente, fará muito bem em permanecer à margem desta realidade superior que estamos apresentando à sua razão e ao seu

sentir. Ninguém que tenha vivido no cativeiro poderia comportar-se, fora dele, tal como por obrigação o fazia, enquanto suportava a escravidão. Pois bem, do mesmo modo, quem anela estender o domínio de sua inteligência a planos superiores de consciência, uma vez alcançado esse objetivo não poderá mais se comportar como se isso não tivesse acontecido. Será o próprio espírito, então, quem exigirá, em troca de seu inestimável aporte, uma conduta afinada com o novo pensar, sentir e atuar do ser que ele anima. E essa conduta não pode ser outra que a de desempenhar-se à altura de suas investigações, sem sofrer as interferências daqueles pensamentos¹ que atuaram antes de se haver penetrado, ainda que de forma incipiente, no grande enigma da própria existência.

Fica claramente explicado que a função primordial do espírito é a de perpetuar-se ao longo da existência; e, como tal perpetuação requer necessariamente uma causa que a ative, esta causa se efetiva na evolução consciente, que, por sua vez, determina o curso da própria herança até culminar, em seu inefável apogeu, com a posse

¹ Veja-se *Logosofia. Ciência e Método* (Lição IV, pág. 55), do autor.

da Sabedoria. Esta é a razão pela qual o espírito se sente irresistivelmente atraído quando a alma empreende decidida o processo de evolução consciente, por ser ali, na consciência, onde se dá a sublime conciliação entre o espírito e o ente físico ou alma. Naturalmente que não se chega a isto senão após um constante adestramento das articulações mentais e sensíveis, o que as condiciona para tal fim. Será preciso desterrar da mente todo pensamento contrário a este objetivo e auspicar, em grau máximo, a afluência daqueles outros que concorram para favorecer o desenvolvimento do aludido processo. Voltemos a mencionar, aqui, a importância de nossa mente ser presidida por um pensamento-autoridade, cuja função reitora imponha a necessária disciplina à nossa vontade, aos nossos pensamentos e ações, para evitar, por uma parte, entorpecimentos estéreis do esforço e, por outra, garantir o inestimável concurso que nosso espírito haverá de nos prestar.

Deixamos, pois, a critério do leitor a apreciação dos valores de um conhecimento que conduz o homem ao encontro com seu espírito, para receber de suas mãos o acervo de sua herança. Poderá, também, estimar a expressão de justiça

revelada nela pela grande lei de evolução, que estabelece, para todas as criaturas inteligentes que povoam o orbe, a mesma invariável conduta consciente de ascensão aos escalões da Sabedoria Universal. Disso se depreende que, se o haver hereditário individual não satisfaz, apesar de ser o próprio indivíduo o responsável direto por isso, resta a possibilidade de enriquecê-lo e desfrutar hoje mesmo de sua magnífica virtude compensadora. A Logosofia dá tudo a quem não tem e, àquele que tem ou acredita ter, oferece tudo o que lhe falta para conhecer sua verdade e ser feliz.

Capítulo 13

Leis universais

Ao dar a conhecer os fatores que intervêm no que ocorre diariamente dentro do mundo interno de cada indivíduo, a Logosofia põe ao alcance do homem a chave do conhecimento causal referente à sua vida, evolução e destino. Não podem permanecer alheias a tal prerrogativa as leis universais, por ser as que sustentam os pilares da Criação e animam a vida de tudo quanto existe. É dever do homem não infringi-las e auspicar, em todo o momento, o selo de seus desígnios, cumprindo com seus mandados, o que lhe outorga a segurança absoluta de seu amparo.

As leis sobre as quais a ciência oficial fundamenta suas investigações e descobrimentos surgiram da necessidade de ordenar o que concerne

ao comportamento da atividade material ou física do organismo biológico humano e dos processos de toda ordem compreendidos na natureza, sujeitos a comprovação. Nada nos dizem com respeito às prerrogativas conscientes do homem, nem à evolução de suas possibilidades de alcançar as altas esferas do espírito.

As leis universais, sobre cujas funções a Logosofia informa, se identificam com as normas de uma ética elevada, acorde com sua natureza, cuja orientação coincide com a via de conhecimentos que, na ordem superior, o logósofo cultiva. Tais leis estabelecem uma nova relação de causas e efeitos, que permite compreender sem dificuldades o amplo panorama da existência humana, ao mesmo tempo que orientam e prescrevem normas de conduta para percorrer as sucessivas etapas do aperfeiçoamento.

Convenhamos em que as leis da Criação ainda são pouco conhecidas pela humanidade, já que, sendo elas advogadas e juízas ao mesmo tempo, a maioria ignora como atuam e como ditam suas sentenças quando julgam. Ignorando isso, mal pode o homem conhecer os fatos de sua vida interna, capazes de ultrapassar, toda vez que uma

lei se pronuncia em harmonia com as demais leis, suas mais fantásticas lucubrações.

Ao ilustrar o homem sobre o mecanismo das leis universais, a Logosofia lhe permite ajustar sua vida à realidade que elas determinam e livrar-se do vazio e da opressão moral causados por seu desconhecimento. Começa a dominar, assim, o campo mais imediato em que essas leis atuam, que é precisamente o que cada ser ocupa, a própria vida, a vida do ser humano, e, por efeito do saber que acumula, aprende também que no Universo tudo se realiza mediante processos.

Ao plasmar a imagem da criatura humana, Deus determinou para ela o cumprimento de todos os ciclos de evolução preceituados pelas leis supremas. É lógico então que o homem, ao conhecer as leis e superar tudo o que nele é superável, vá compreendendo qual deve ser seu destino e qual sua conduta.

Os processos cósmicos, regidos pelas leis imutáveis que regulam a vida de todo o Universo, dão a pauta dos demais processos que nele se cumprem, inclusive os humanos, sendo fácil de compreender que respondam com suas sanções a qualquer alteração ou falta.

O homem estabelece contatos com as leis universais por meio da consciência; sendo assim, é forçoso ressaltar a importância de acrescentar esse valioso fator de enlace, dando força ao propósito de não infringi-las, o que favorece sumamente o processo de evolução consciente. Já não se cometerão faltas, nem se contrairão dívidas; tampouco se atrairão sanções.

Na natureza tudo está regido por uma norma universal; uma norma que corrige os infratores. Na ordem civil as pessoas são multadas ou detidas, para que tomem consciência disso e não voltem a incorrer em falta; na ordem transcendente é exatamente igual, só que, em vez de privá-las da liberdade ou de multá-las, as leis as corrigem, fazendo-as compreender, por diversos meios, que não devem desacatá-las.

As leis humanas são inspiradas pelas leis universais e tendem a assemelhar-se a elas, embora distem muito da perfeição, já que as universais, além de ser absolutamente justas, se cumprem com o rigor da exatidão e da pontualidade; as leis humanas contêm grosseiras falhas, a maioria delas originadas em debilidades dos próprios homens.

Devemos acostumar-nos a pensar que as leis são eminentemente justas ao se pronunciarem sobre nossos atos. Se nos tornamos credores de um juízo adverso, nunca pensemos que na dor existe o castigo, senão a oportunidade de saldar uma dívida, de nos liberarmos de algo negativo que ainda perdura. Isso implica considerar a ação das leis de um ponto de vista humanitário, o que permite compreender melhor seu mecanismo e a generosidade com que atuam.

Deus, único ser na Criação que não tem par, desce até o homem em virtude de Suas Leis e de Seu Pensamento, expressado em cada uma das coisas criadas. Com a prerrogativa de chegar a ser em espírito semelhante a Ele, concedeu-lhe a de conhecer suas leis para reger por elas sua vida como ser humano e imortalizar sua existência como ser espiritual.

Capítulo 14

A herança que o espírito recolhe e leva como carga ou dívida angustiante

Não obstante sua natureza imaterial, isenta de toda contaminação terrena, o espírito absorve do ser físico a que está ligado – exatamente como se explicou a respeito do positivo – todo o negativo representado por delitos, erros e culpas cometidos durante a vida, dentro de uma ampla gama que abarca desde as crueldades mais desumanas até as mais leves faltas.

As leis universais são inexoráveis; nada nem ninguém está fora de sua influência. Portanto, com respeito ao homem, é inexorável também a lei que rege sua herança. Perante ela não valem tronos, nem títulos, nem vestes douradas, se os pensamentos e a vontade daqueles que se valeram de tais

prerrogativas deram origem a seu próprio infortúnio e ao infortúnio de seus semelhantes. Páginas negras integram em tais casos o livro da herança individual, o que é extensivo a todos aqueles que, com idênticos resultados e qualquer que tenha sido sua atividade na vida física, usufruíram de uma posição em detrimento moral e material de outros seres. Nenhum espírito fica, pois, isento desse encargo tão sabiamente disposto pelo Supremo Criador. Isso implica ser cada um o responsável direto por seu destino; implica depender exclusivamente dele sua sobrevivência e perpetuação como indivíduo que se eleva às alturas extrafísicas, onde impera o Pensamento Cósmico de Deus, ou que desapareça absorvido e desintegrado pela inércia acarretada por seus desvios. O ser humano pode deter a tempo a anulação de seu ente espiritual, se fizer uso da grande oportunidade que a mesma lei da própria herança lhe concede, como expressão da mais alta justiça, ao permitir-lhe que se libere, constituindo-se em redentor de si mesmo.

Resta agora saber de que forma ele haverá de redimir-se. A Logosofia torna factível essa sublime realização da vida interior, ensinando o homem a lavar suas faltas com a água lustral que emana

das fontes individuais internas, tão logo tenha ele decidido encaminhar sua vida pela senda da experiência pessoal consciente, isto é, quando, por própria vontade, começa a reparar gradualmente todo o mal que tenha causado em sua longa peregrinação pelo mundo. Mas, insistimos, como fazer isso? Como aliviar a alma do angustiante peso das faltas? A Logosofia responde com a segurança absoluta que caracteriza seus pronunciamentos. E responde não só afirmativamente, mas ensinando também a forma de realizá-lo.

Enquanto o homem não tiver consciência de achar-se capacitado para reparar suas faltas, irá repetindo-as incessantemente, pela ausência de noções sobre sua capacidade de redimir-se. Quando toma consciência dessa realidade e sabe que só ele, unicamente ele, pode apagá-las mediante ações reparadoras que excedam a dimensão delas, experimenta a inefável felicidade de sentir-se livre do engano em que viveu, ao acreditar que outro poderia redimi-lo por ele. Se atirais pedras contra vossa casa, quebrareis vidros e provocareis estragos nela; se deixais que vossos campos se encham de ervas daninhas, não reparareis vossa incúria implorando a ajuda da Providência ou confiando

que alguém desça do céu para limpá-los. Não, isto não acontece nunca, porque vai contra a própria lei que estabelece para o homem uma linha de conduta em sua evolução. Tampouco seria honesto ou sensato pretender que outros sanem os danos ocasionados por nós mesmos.

Compreender-se-á, por outro lado, que Deus não pode se condoer ante o ato emocional de um ser que manifeste arrependimento pelas faltas que venha cometendo. Instituído no ser humano o processo de evolução consciente, a ele mesmo cabe julgar-se. A ninguém mais que a ele corresponde, pois, condoer-se e consternar-se pela situação criada. Se Deus admitisse seu arrependimento como justificativa suficiente para absolvê-lo de seus atos equivocados, as próprias leis por Ele criadas de imediato o impediriam.

O arrependimento invocado num ato de emoção não evidencia de modo algum que o ser esteja verdadeiramente arrependido. O estremecimento que lhe produz a confissão de suas faltas, por sincero que seja, nada mais é que uma promessa. Por si só, o arrependimento não elimina a causa do dano; ainda que seja profundo, pode desaparecer

da consciência antes que a falta tenha sido saldada. Como pretender absolvição, se antes não se deixou provada a sinceridade do propósito? Impõe-se, é evidente, que o propósito de emenda perdure até alcançar sua realização; deve-se demonstrar com ações a compreensão do erro e empenhar-se em saná-lo mediante a eliminação das causas que lhe deram origem, ou fazendo, como já dissemos, um bem de maiores dimensões que o erro cometido. Em outras palavras, o propósito de emenda deve evidenciar-se na realização de atos meritórios. Eis aí um meio de se alcançar o verdadeiro perdão; um perdão que eleva a moral humana, outorgado por um tribunal que profere suas sentenças dentro do próprio ser.

Toda vez que pusermos mãos à obra e nos reabilitarmos perante nós mesmos, evitando o dano com a devida compreensão do erro, colheremos prontamente o substancial fruto de uma experiência positiva. Se nosso mau proceder houver prejudicado um semelhante e, por diversas circunstâncias, não nos for possível repará-lo com um ato nosso que o beneficie, façamos então esse bem a outros – quantos mais, melhor –, na segurança de que a falta ficará saldada. Proceder de outro modo

implica fomentar o desenvolvimento cego do instinto, inclinando-o para o mal, esse terrível flagelo do foro interno que apaga a luz do entendimento e faz o ser reincidir em seus erros. Quanto mais livre se sentir o espírito da carga que suporta, tanto mais apto estará para prestar seu inestimável auxílio ao ente físico.

Devemos destacar aqui algo de singular importância, que deverá ser tido em conta por aqueles que nos leiam e se disponham a ensaiar nosso método¹ para comprovar por si mesmos estas verdades. O bem deve ser feito conscientemente, sabendo para que se faz; e que em todos os casos tenha um fim altruísta, verdadeiramente generoso. Antes de fazermos o bem a uma pessoa, asseguremo-nos de que esse bem não vai morrer nela, pois oferecê-lo a um ser egoísta implica uma evidente perda de volume em sua expressão humanitária. Mas se fizermos com que compreenda que nosso pensamento tem por finalidade conseguir que ele mesmo sinta a necessidade de ajudar depois a outros, tanto ou mais necessitados do que ele, teremos poupado nosso bem de uma segura

¹ Ver *Logosofia. Ciência e Método* (Lição VIII, pág. 99), do autor.

diminuição. Quem foi ajudado não poderá reclamar mais o nosso auxílio se seu comportamento posterior, observado por nós, não se ajustou ao conselho que oportunamente lhe foi dado.

Adicionaremos, ainda, que o espírito, limpo de toda mácula, só busca uma coisa: o bem. O homem, por inegável influência de seu espírito, também o tem buscado sempre. Mas, por que não criá-lo em si mesmo? Acaso é possível encontrá-lo ou merecê-lo pelo simples fato de tê-lo buscado? Eis duas perguntas interessantes para quem estiver empenhado nessa busca. Mas caberia ainda uma terceira: como criá-lo?

Tenhamos primeiramente em conta que, para a Logosofia, ser bom ou ser melhor significa ser mais consciente. Somente assim se pode chegar a ser bom no amplo sentido do termo. Do contrário, a bondade, essa bondade que não nasce na consciência, pode ser perigosa; em determinado momento, pode transformar-se em algo que não é bondade. Tendo isso por base, quem se propuser a criar o bem dentro de seus domínios começará por criar em si pequenos bens. A soma gradual desses pequenos bens irá formando, com

o tempo, um grande bem, como sucede com quem economiza dia a dia pequenas somas, as quais, aumentando, se convertem depois num capital considerável. Segundo essa mesma lei hereditária, o bem adquire mais e mais volume dentro de cada um, até indicar que nasceu em nós uma inegável capacidade, não só de prodigá-lo, como também de saber prodigá-lo. Todos esses bens, reunidos, são mais valiosos que os materiais, porque perderam ao longo das épocas, dos séculos, como uma pequena criação dentro da Grande Criação. Cabe, pois, ao homem a possibilidade de dar vida a uma pequena criação, modesta, mas eterna como a Criação, porque ele mesmo se foi integrando com partículas dela extraídas.

Muitos métodos utilizados até o presente para tratar dos males que afetam a criatura humana haverão de mudar no decorrer do tempo, e isso acontecerá, sem dúvida, em inteiro acordo com a nossa afirmação, ao considerar-se que a ignorância e a inconsciência são os males mais graves que o homem suporta. De tais males parte tudo quanto ele faz em prejuízo próprio, ao predispor-lo continuamente a desvios e equívocos. Impõe-se, pois, anular uma e outra causa, e já não haverá

de experimentar as lutas de antes entre suas duas naturezas, porque, ao concentrar suas forças na eliminação dos males que o afetam, amplia também sua consciência com os conhecimentos adquiridos, o que lhe proporciona a felicidade de constituir-se em testemunha consciente de sua própria vida.

Capítulo 15

O auxílio de Deus chega ao homem unicamente por via do espírito

Em seus momentos de dor, de grandes padecimentos morais ou físicos, quando o ente humano, prostrado, clama por uma ajuda superior, não lhe ocorre pensar que é precisamente o espírito quem lhe dá o alento e o consolo que demanda com urgência.

Habitualmente, invoca a Deus sem levar em conta que, ainda que atendesse a seu pedido, Ele lhe faria chegar seu auxílio somente por meio desse nosso singular agente, o espírito, único apto para ampará-lo nos momentos de extremas dificuldades. Não podemos admitir sensatamente que Deus, que atende a todos os processos da Criação, onde evoluem incontáveis milhões de sóis, planetas e mundos sob seu império absoluto, distraia-se

um só instante em assistir a esta ou àquela criatura das tantas que reclamam sua divina ajuda na imensidão do cosmos.

Como complemento do que foi dito, é bom recordar o que mais de uma vez afirmamos: os seres invocam a Deus em seus momentos de desventura, pretendendo um amparo imediato, sem advertir, por outro lado, que poucos o fazem como homenagem de gratidão por seus momentos de felicidade e, menos ainda, para mostrar-Lhe o fruto de seus esforços para vincular-se à sua maravilhosa Vontade, plasmada na Criação. É preciso, pois, recordá-Lo também nos momentos de alegria; a recordação, assim, não só perde o caráter especulativo, como também brota da gratidão pela felicidade que se vive. Então, sim, o espírito individual pode elevar a alma e vinculá-la a vibrações superiores.

Se não temos uma exata noção dos verdadeiros valores do espírito, não é possível compreendermos até que ponto e em que medida ele pode prestar-nos sua assistência. Se o negamos, por não termos dele uma constatação objetiva e precisa, estamos impedindo toda atuação sua em nosso favor. Porém, se

preparamos nosso sistema mental e nosso sistema sensível, organizando-os devidamente, oferecer-lhe-emos ótimas oportunidades de manifestação, obedientes a suas próprias necessidades mais do que às de nosso ente físico. Com isso, obteremos a certeza dos benefícios que o espírito confere, como agente direto entre o Criador e o homem, no percurso do longo caminho que conduz a Ele.

Embora já nos tenhamos referido a isso em capítulos anteriores, não será demais reiterar que o homem deve elevar seus objetivos e propiciar seu avanço ininterrupto para estados de crescente aperfeiçoamento, o que não só favorece a livre expansão do espírito, como também o converte em herdeiro dos bens que a Vontade Suprema reserva para ele.

Capítulo 16

Autonomia do espírito

O espírito goza de uma autonomia absoluta, pelo fato de ser de essência eterna e existir sem as limitações próprias da natureza humana. Isto deve levar à reflexão todo homem que tenha preocupações amplas de saber, para valorizar em sua justa importância a enorme vantagem que lhe depara sua vinculação e identificação com ele.

Ninguém negará que o espírito tenha permanecido para sua pessoa como um ente estranho, a quem em momento algum se deu participação ativa nos atos da vida. Não obstante, já o dissemos em outro capítulo, o espírito nunca deixou de aguilhoar o ser físico, inquietando-o, incitando-o à busca, apesar das resistências, indecisões e pretextos que incidiram sobre sua vida, mantendo-a em constante

oscilação, enquanto o tempo transcorre inexorável e a peregrinação se torna mais e mais penosa.

A mensagem que a Logosofia traz para o homem define-se no propósito de fazê-lo compreender que sua existência transcorre em permanente desconexão com seu próprio espírito e que, em consequência, só desfruta de sua "experiência pessoal" no breve transcurso de sua existência física. Não pode lançar mão da grande experiência que seu espírito entesoura, porque isso somente é possível mediante o processo de evolução consciente.

Quando o homem busca oportunidades para que sua inteligência se ilumine com as luzes do conhecimento e sua sensibilidade se expanda nas manifestações sublimes que lhe são próprias, o espírito o assiste e preside todos os atos de sua vida. Esta assume, então, características que a distinguem da anteriormente vivida. Há nela otimismo, energia, nobres afãs.

Nunca insistiremos o bastante sobre a influência extraordinária que o processo de evolução consciente exerce na vida, ao restituir ao ser, vítima frequente de alterações que desfiguram seu temperamento, um

grau ponderável de equilíbrio psicológico. Enquanto o ser pensa, relacionando intimamente pensamento e consciência, o espírito respira livremente dentro da vida, expande-se, compartilha as alternativas que a ele se apresentam. Comumente, é o ser físico ou alma quem enfrenta o rigor das lutas diárias, às vezes adversas em extremo. Quantos sucumbiram e quantos vivem amargurados sob o peso de tais situações! Por quê? Justamente porque o ser luta sozinho, sem o auxílio direto do espírito. A Logosofia deixa sobejamente provado que, quando o ser físico propicia a companhia do espírito, quando o busca, triunfa, vence obstáculos, transcende dificuldades, sabe em todo o momento sustentar sua vida com decoro, com pureza, com grandeza de alma.

A autonomia do espírito se mostrará com maior clareza se, ao que foi dito, acrescentarmos que ele não se acha sujeito ao ente físico nem sob sua dependência. Pelo contrário, é o ser físico quem deve submeter-se à sua influência e preparar-se para receber das mãos do espírito o inestimável patrimônio de sua herança. Esse patrimônio, que o espírito custodia rigorosamente, é entregue ao ser por partes, e só mediante comprovadas demonstrações de eficiência; quer isto dizer que é o espírito

quem manda, e não o indivíduo, mesmo que seja do arbítrio do segundo ajustar-se totalmente às solicitações do primeiro. Como se poderá notar, sendo o espírito o grande agente criado por Deus para animar e ativar o ser físico, sua intervenção está regulada pelos avanços deste no caminho da evolução consciente, a qual, ao fomentar o impulso do espírito, lhe permite dosar a herança individual, que é entregue ao ser à medida que se faz credor. O espírito deixa assim demonstrada sua autonomia, manifestada no que retém e outorga.

Como ente autônomo, e não obstante a distância que a alma lhe impõe devido ao desconhecimento humano, o espírito mantém-se ágil e sempre vigilante, disposto a intervir em qualquer circunstância propícia e facilitar soluções de emergência extrema para a vida do homem. É sumamente veloz; concebe e determina instantaneamente o que convém ou não convém fazer.

A autonomia do espírito fica também provada por uma série de fatos confirmadores¹. Por exemplo: ante alguma premência, um homem

¹ Veja-se *O Mecanismo da Vida Consciente* (cap. X, pág. 89), do autor.

busca desesperadamente uma solução feliz e não a encontra. Acontece, todavia, que, após uma noite de fatigante insônia, desperta e encontra subitamente a forma de resolvê-la. Quem manejou sua inteligência quando, adormecidos os sentidos, cessou o domínio de suas faculdades? Foi, pois, seu espírito quem interveio e lhe fez chegar a solução que o ser físico não foi capaz de encontrar por seus próprios meios na vigília. Negar esta realidade seria como que fechar as portas de acesso a um novo mundo, no qual as possibilidades humanas assumem inusitada transcendência, e desaproveitar, por certo, a assistência que nos presta esse extraordinário agente que, mesmo integrando nosso ser e nossa vida, permanece ignorado por quem tanto poderia esperar de sua eficacíssima ajuda. Estamos nos referindo ao homem comum, para quem não existe, dentro ou fora de sua pessoa, outra coisa além de seu corpo, que ele tanto adora, e seu famigerado "eu", no qual encerra todo o seu egoísmo e concentra o máximo de suas esperanças.

O exemplo citado ilustra sobre a forma como o espírito aproveita os momentos em que o ser físico dorme, para utilizar-se da mente e dos pensamentos que moram nela, permitindo a ele

em muitas ocasiões recordar, quando desperta, a solução que buscou em vão durante a vigília.

Dentre tantos outros fatos que nos revelam a ação isolada do espírito, tomemos o caso de um homem que, estando disposto a tirar a própria vida, teve inesperadamente de assistir a um enterro. Ao observar o morto, viu a si mesmo depois do suicídio; o fato o impressionou de tal forma que, pela primeira vez, deu à vida seu valor aproximado e compreendeu que não devia desaproveitá-la; que a vida é uma grande escola, aonde se comparece para aprender e realizar transcendentalíssimas lições. Acaso não se percebe neste fato o império de uma força que atuou à margem de uma mente alienada pela depressão e pela dor? Não atuou ali, subitamente, o espírito?

É o espírito, indubitavelmente, quem alenta a vida e a sustém quando o homem deve suportar os transe amargos de sua existência. Não nos equivoquemos pensando em outra coisa ou descartando tal realidade, porque isso implica uma enorme pedra no caminho, a qual impede nossa ascensão aos domínios do espírito na plenitude de nossa consciência.

Podemos observar, por exemplo, quando nos encontramos no paroxismo de uma dor ou sofrimento que supera nossas forças, que as resistências físicas e morais cedem, como se nossas reservas se tivessem esgotado. É nesses momentos que se costuma sentir e experimentar a inesperada assistência de algo assombroso. Uma força interna, desconhecida, nos alenta e reconforta, sustentando e levantando nosso ânimo. Quem fez surgir essa força, acalmando nossa dor e afugentando da mente os pensamentos sombrios que faziam recrudescer nossa tristeza? Repetimos: ninguém mais deve se enganar, atribuindo-a a fatores estranhos; por ponderáveis que estes sejam, mostrar-se-ão sempre alheios à nossa realidade e, portanto, inconciliáveis com nossa razão de ser, de pensar e de sentir. É o espírito, por conseguinte, quem, além de perpetuar a essência de nosso existir, como já dissemos, em circunstâncias cruciais, nos infunde o valor extrafísico que só ele pode infundir. Quanta doçura se derrama então sobre a vida, quanta força interna surge, se não para resolver a dificuldade, pelo menos para suportá-la com inteireza. E nunca jamais o espírito se nega a compartilhar as dores do ser físico, sobretudo quando este o invoca com seu

pensamento. Saibamos, pois, reverenciá-lo, guardando no mais íntimo de nosso ser o respeito que lhe devemos. Assim se romperá o feitiço de quanta superstição tem impedido os homens, há séculos e milênios, de superar seus contratempos e despertar num mundo ao qual só mediante o próprio espírito podem ter acesso.

Gostaríamos de esclarecer agora algo muito importante: nem sempre o espírito se manifesta da forma descrita. Em muitíssimos casos, ele se abstém de intervir, porque sabe que certos sofrimentos são motivados por culpas ou erros reiterados de quem os padece. Neste caso, o sofrimento age como filtro depurador, sem que por isso o ser se veja livre de sua dívida, já que não intervém processo algum de compreensão a respeito. Em outros termos, ainda que a dor depure a alma da contaminação reiterada, subsiste o débito moral do ser para com seu próprio espírito.

Capítulo 17

Desintegração do espírito por inércia

Convém especificar, para que não fique a menor dúvida, que, embora o espírito individual seja o depositário de todo o mal feito por aquele a quem ele anima, como o é em relação ao bem, sua natureza não se contamina; mas a pesada carga das faltas cometidas o vai imobilizando, até fazê-lo sucumbir por inação; isso acontece quando já se esgotou sua capacidade de resistência. Esta é, verdadeiramente, a morte segunda, a definitiva¹.

¹ Apesar das grandes prerrogativas que o homem tem para perpetuar-se por meio da herança, fato este que se define e se concretiza na formação superior da consciência, ao alcançar a alma seus reais objetivos de uma permanente ação evolutiva, essa perpetuação não poderá ser realizada se são burladas as leis ou infringidos os preceitos que determinam o avanço em direção a tais objetivos. "A herança individual pode sofrer relaxamento, e esse relaxamento levá-la, inclusive, à sua dissolução como linha que individualiza o homem dentro de sua espécie. Isto tem sua causa na depuração lógica que a lei de herança leva a cabo por via da seleção, já que pouco importaria aos próprios

Aprofundaremos um pouco mais o tema, com o objetivo de que nossa palavra chegue mais clara ao leitor. Deve-se entender por desintegração do espírito a desconexão definitiva entre este e a consciência individual, que é, como se disse, a que absorve o saldo dos valores, decantado das experiências positivas e negativas, assim como o dos conhecimentos.

À perpetuação do espírito interessa somente o positivo intraindividual ou, em termos lógicos, a soma dos conhecimentos superiores adquiridos e das obras de bem que, com esses conhecimentos, tenham sido realizadas nas diferentes etapas da existência; mais concretamente ainda, a essência dos pensamentos que presidiram cada uma dessas etapas de vida e deram a elas um conteúdo exemplar.

A inércia diante das necessidades de ordem interna, exigidas pelo espírito reiteradamente e por meio de múltiplas manifestações, posterga a

fins humanos a perpetuação, por exemplo, de um homem que mostrasse em todas as suas etapas de vida os sinais, expressões e características do bárbaro, ou do indivíduo que tivesse chegado, em seu descenso, além dos limites permitidos pela lei." (*A Herança de Si Mesmo*, pág. 22.)

formação da consciência individual. Esta inércia pode passar de crônica a permanente, sendo o espírito condenado a uma imobilidade definitiva. Neste caso, já não teria objetivo sua permanência no ser, pois o patrimônio espiritual ou herança de si mesmo haveria passado da paralisia à dissolução, e a individualidade, substanciada nessa herança, teria sucumbido por inação. O espírito volta então ao seu mundo, o metafísico, para animar outro ser, outro movimento e outra vida. Desintegra-se, pois, o espírito individual, quer dizer, a soma dos traços internos que diferenciam um homem de outro.

A essência incorruptível e eterna da Criação guarda o segredo de sua perenidade na renovação constante. A lei de conservação vigora, pois, para tudo o que se renova, o que muda e se supera em atividade incessante. Essa prerrogativa foi dada ao homem pela lei de evolução, que significa mudar de estado, ir do inferior ao superior, conquistando progressivamente graus mais avançados de consciência. Mudar de estado significa preparar a mente e a alma para que possam alcançar os contatos luminosos com o mundo metafísico. Nesse constante labor de autoaperfeiçoamento, o ser vai eliminando de si, por efeito da

renovação e do desarraigamento de velhas tendências, de crenças absurdas e de conceitos de evidente fundo irracional, o acúmulo de faltas, erros e deficiências psicológicas que não só o mantinham na mais completa desorientação, como também constituíam a causa de sua inabilitação moral e espiritual.

Vejamos agora como a Logosofia penetra profundamente no significado de cada palavra, expressão ou conceito que o homem escutou e escuta sem esclarecer bem seu conteúdo.

Dissemos que o ente espiritual fenece consumido pela inércia, fato que, intuído em épocas passadas, deu lugar a que se acreditasse que durante esse transe o espírito sofre os tormentos de sua aniquilação. Não vamos nos ocupar agora desse assunto, já que ele responde a outro gênero de pronunciamentos. O certo é que a imaginação dos que intuíram tal coisa os levou a concretizar o suposto tormento nas "chamas do inferno"; desde então, vem-se repetindo que os "espíritos pecadores se queimam eternamente" nas fogueiras infernais. A Logosofia declara e sustenta que, sendo imateriais, os espíritos são também

incombustíveis, e que, supondo fosse possível aceitar essa tremenda e audaciosa afirmação, outra coisa não se deduziria disso que, ao resistir eternamente à ação das chamas, o espírito está provando sua absoluta imunidade à combustão. Por outra parte, como pode a alma humana conceber justiça em Deus, se Ele permite semelhante sacrifício? E qual seria sua finalidade?

Cabe também perguntar: é possível que Deus, que criou a infinita imensidão dos mundos, que encerrou no átomo um maravilhoso mecanismo, possa permitir que as almas criadas por Ele se queiem eternamente? Torna-se, pois, insólito e inadmissível uma sanha que revela um Deus tão impiedoso; um Deus que só pode existir nas mentes alucinadas daqueles que inventaram esse enorme disparate.

Fizemos alusão a uma das tantas imagens deprimentes com que se pretendeu atemorizar a alma, sugestionando-a e afetando sensivelmente sua faculdade de raciocinar. Nossa palavra, ao assinalar o erro, libera a consciência individual, com uma lógica irrefutável, de um absurdo cegamente aceito.

Uma das causas, talvez a principal, da aniquilação do espírito, ou seja, da morte segunda, é a atrofia das faculdades da inteligência, especialmente as de pensar, raciocinar e observar. E o é porque, ao não funcionar como devem, vão anulando as possibilidades humanas de sobrevivência, já que fecham as portas ao porvir do espírito; para isso contribuem, em sumo grau, as crenças fanáticas ou cegas. O homem, acostumado desde criança a buscar tutelas para sua alma, incapacita-se espiritualmente para bastar-se a si mesmo. Hoje ele se debate entre a escravidão das formas mentais que o oprimem e as ânsias de saber, sem outra alternativa que a de pensar o estritamente necessário para mover-se dentro da ordem física. Não sabe dar ao aspecto espiritual o lugar preponderante que ele deve ocupar dentro da vida, e assim permanece postergado ao longo dos séculos, detido em sua evolução.

É virtude comprovada da ciência logosófica a de despertar as faculdades da inteligência; e não só despertá-las, como também pô-las em atividade. Quando elas rompem as travas da submissão interna, o homem conquista a tão ansiada

liberdade de consciência, mobiliza sua faculdade de raciocinar e obtém segurança na elaboração de seus juízos, segurança que o ampara contra todo engano, contra toda mistificação, provenha de onde provier.

Nos casos de embrutecimento, o espírito permanece ausente, impossibilitado de qualquer atuação construtiva, porque o sistema mental funciona tão defeituosamente que não lhe é possível a menor intervenção na vida do ser. Algo similar acontece com aqueles que renunciaram à sua individualidade para se deixarem absorver pelo número; convertidos em homens-massa, perdem toda possibilidade de receber o menor auxílio do próprio espírito. Esse auxílio se interrompe, com efeito, pois a mente do homem-massa não responde à própria vontade, e sim à alheia; obedece tão somente àqueles que lhe impõem seus ditados, com a ameaça de severas represálias.

Os que vivem nessas condições raramente conseguem por si mesmos recobrar sua individualidade. Suas vidas retrocedem a épocas que já deveriam ter transposto, para não ficar

atrasados no caminho da evolução. Apesar disso, temos fundadas esperanças de que o conhecimento logosófico, tão estimulante como fecundo, conseguirá finalmente despertar neles o anelo de ser livres e donos de seus próprios destinos, pois não se pode negar o direito que o homem tem de crescer em liberdade, a fim de que os traços de seu espírito se desenhem nele com plenitude.

Deixamos estabelecido neste capítulo que o espírito humano, cuja vida perdura em cada período de existência física, pode, não obstante, sucumbir e chegar à sua total desintegração. Triste fim para quem desconhece ou não leva em conta que lhe foi reservado um destino melhor. Diante do quadro desmoralizador que tais seres oferecem, torna-se sem dúvida grato e desperta otimismo saber que, quando a vida é sustentada e fortalecida por conhecimentos que incorporam a seiva com que se nutre sua perenidade, o espírito continua existindo, porque a ele se dotou das forças necessárias para que viva sempre. Portanto, não se poderá negar o que temos reiteradamente sustentado, isto é, que quem realiza a verdadeira função da vida, sobrepondo-se a todas as contingências que possam surgir em seu andar pela terra, forja

um destino superior ao do comum dos seres, um destino amplo, inundado pela luz de verdades conquistadas e hierarquizadas pela presença imanente do espírito.

Capítulo 18

Rumos equivocados

É lógico pensar que as verdades descem do alto à medida que os seres humanos podem necessitar delas ou merecê-las. Em determinada etapa da descida, as verdades se desdobram e, assim, enquanto delas se desprende uma parte que se manifesta no físico, a outra permanece no plano mental, espiritual ou metafísico. Daí resultam as duas realidades que configuram a verdade, uma física e outra espiritual; esta última é a preeminente e a que perdura ao longo do tempo, por estar consubstanciada com a própria medula da Criação. Sendo ambas da mesma essência, cabe pensar que tão real é uma como a outra, porquanto a física se desprende da espiritual. Pois bem, a conformação da mente humana não permite que o ser se interne no plano espiritual sem antes alcançar

o grau de superação necessário para não se extraviar. Sabemos das sanções imediatas e mediatas que existem quando, numa ação temerária, se pretende penetrar nele: perda da razão, desconexão da sensibilidade humana com a realidade física e espiritual. Não se deve esquecer nunca que na Criação tudo é natural e que, quando alguém tenta forçá-la para edificar um ou outro conceito equivocado da realidade, sobrevêm as sanções.

Nosso propósito é instruir na verdade. Para isso, devemos esclarecer, por considerá-lo necessário, o que tem constituído uma obsessão em muitas almas desavisadas e até em alguns cientistas. Estamos nos referindo às chamadas "práticas espíritas", que no século passado encontraram, por sua novidade, eco propício entre as pessoas. Um limitado grupo de cientistas acreditou haver dado com a pista que os conduziria a notáveis descobrimentos, e se puseram a investigar as atuações fenomênicas dos médiuns. Não descartamos, contudo, que os guiava o desejo de arrancar algum segredo da esfinge do mundo metafísico, porém nada disso ocorreu. Mais de um cedeu, pelo contrário, à tentação de sentir os efeitos nada construtivos da sugestão que o

ambiente tétrico e as falas e contorções dos “possessos” lhes produziam.

Passaram-se muitos anos desde que se promoveu aquela expectativa, sem que se tenha obtido até o presente momento nenhuma confirmação séria, nenhum avanço que deixasse entrever pelo menos algo de verdade ao se efetuarem as investigações. Grupos sectários ou sociedades pseudoespiritualistas ainda insistem em demonstrar, por meios pouco recomendáveis, vivências metafísicas que não passam de meras visões quiméricas imaginativas.

Vamos explicar, agora, por ser indispensável para um maior aprofundamento de tudo quanto expusemos sobre o espírito, que não é possível passar por cima dos disparates suscitados em torno dele. Pretendeu-se com efeito, e ainda se vem insistindo nos meios espíritas, que as pessoas que recorrem a eles em demanda de consolação se comunicam com os espíritos dos mortos, por intermédio dos médiuns. Para destruir tamanha invenção, bastaria recordar que as leis que regem a vida psíquica e mental do homem impedem transgressões de qualquer natureza. É tão absurda

a pretensão de convidar espíritos alheios a usar de nosso ente físico, que nos vemos obrigados a fazer um chamado à reflexão e à sensatez geral. Observe-se que, se o médium continua alheio ao conhecimento de seu próprio espírito – como sua cabal ignorância o demonstra –, se nunca tentou levar a efeito uma investigação séria e sensata sobre ele, não pode atribuir a si o privilégio de acesso ao “além” e, menos ainda, pretender que venham a ele espíritos estranhos, que se apossem de seu ente físico e se prestem a consumir um espetáculo ridículo, carente de verossimilhança. Será que as pessoas que praticam o espiritismo não têm nenhuma noção do respeito que deve merecer-lhes a dor dos parentes e a memória do morto?

Sucessores da antiga necromancia, os espíritas de hoje baseiam sua crença nas descontroladas manifestações de seus médiuns, nas quais o possesso em “transe”, tal como seus sustentadores consideram, evoca o espírito que lhe tenham solicitado, a fim de que este se manifeste nele e expresse seus desejos e pensamentos. Cabe perguntar, aqui, se é possível que um ser de escassas luzes, com desconhecimento absoluto das leis universais, que não é capaz de experimentar em

si mesmo a presença de seu espírito, possa submeter ao seu capricho espíritos alheios e, menos ainda, como às vezes se pretende, superiores a ele. Ou será que se procura enganar de algum modo a razão, para satisfazer a determinado pensamento que nos causa obsessão? Outra coisa não haveria acontecido ao hebreu Saul quando, segundo as Escrituras, ele fez evocar a sombra de Samuel, valendo-se da pitonisa de Endor.

A imaginação desempenha, certamente, o papel principal neste gênero de visões quiméricas. É bem sabido que a superstição vem de muito longe. Surgiu do obscurantismo que reinava em épocas antigas, assenhoreando-se até das figuras mais destacadas. A evocação de Ulisses a Tirésias, narrada por Homero, mostra a exaltação do herói que busca, mais do que a aparição do espectro, a inspiração do adivinho. Mesmo em se tratando de mera ficção, é interessante destacar a sutileza do sábio poeta grego, ao preferir o possível ao impossível.

No caso de ainda ser pouco o que deixamos esclarecido, diremos que, se tivessem sido certas as experiências dos médiuns, se tão facilmente se pudesse estabelecer contato com o além, quantas

coisas de incalculável transcendência a humanidade já saberia sobre o mundo metafísico! O fato de ainda permanecer às escuras prova a audácia de tão pueril mistificação. Convenhamos, com sinceridade, que nenhum espetáculo fenomênico, por atraente que seja, jamais poderia satisfazer ao juízo, nem à consciência, nem muito menos ao espírito de ninguém.

Capítulo 19

Do descanso eterno

Ao longo desta obra, e seguindo nossa invariável norma de trabalho, não nos afastamos um ápice de seu traçado reto e convincente, como o exige a transcendência dos temas abordados em cada capítulo, cuja vital importância para o futuro do homem e da humanidade prontamente se nota. Nossa palavra, assistida permanentemente pela força que geram as verdades em que a Logosofia se apoia, tem um poder vivificante e construtivo, que incide direta e eficazmente sobre a alma humana.

Vamos nos referir agora a certa prédica de raízes milenares: o “descanso eterno” que se deve desejar a todo espírito que abandona este mundo. Formularemos, antes, três indagações em nome da sensatez e da lógica:

1ª) Há alguém que num período de vida física – efêmero em relação à infinidade do tempo cósmico – tenha trabalhado tanto, a ponto de fazer-se credor de semelhante ócio?

2ª) Que espírito evoluído consentiria recolher-se em si mesmo, numa perene folgança, enquanto tantas almas humanas, a quem ele poderia ajudar, sofrem no mundo?

3ª) Quem pode aspirar ao descanso eterno, sabendo que seu espírito deve continuar a evolução prefijada pela lei?

De nossa parte, ficaremos muito agradecidos se nos desejarem uma eterna atividade, pois a atividade é energia, e a energia é o motor que impulsiona a existência em qualquer de suas manifestações. Descanso eterno é, pelo contrário, imobilidade, é a morte segunda, o caos, o nada. Enquanto a atividade amplia a vida, a inércia a comprime, com risco de fazê-la desaparecer.

Infere-se do exposto que, impensadamente, se terá um mau pensamento para com aquele a quem se deseja “descanso eterno”. Consideramos isso,

pois, uma demonstração muito evidente de como certas comunidades estão alheias à realidade que a Logosofia revela sobre a evolução consciente, conhecimento que dá a noção básica sobre a possível perpetuidade do espírito ao longo de todos os ciclos de sua existência.

Cada ser humano que se preze como tal na mais alta expressão de seu significado, deve intuir que sua criação obedece a uma finalidade superior e que, portanto, não pode limitar sua vida à rotineira e simples tarefa de viver e morrer sob o influxo de uma concepção materialista que nada lhe concede fora das prerrogativas comuns de um mero existir diário. Sua ocupação fundamental, isto é, a que leva a cabo fora de suas obrigações de ordem física ou material, deve ser concretizada em vivências altamente construtivas para sua evolução. Como? Interessando-se vivamente pela condução consciente da vida em direção a um destino que transcenda completamente o comum. Nossa ciência satisfaz com amplitude a essa aspiração e leva cada indivíduo a penetrar profundamente nos mistérios da própria existência.

Afastada assim a dúvida, adquire-se a certeza de que nem na vida, nem na pós-vida, um descanso

prolongado convém a ninguém. A inércia desintegra a matéria, prevalecendo a mesma lei para o espírito individual.

Deus não pode alentar vida naquelas almas que contrariam a grande lei de evolução, a qual enche de energia o Universo e é atividade permanente. Convém tomar gosto pela atividade, neste caso a atividade consciente, já que nos estamos referindo à que preferentemente interessa ao espírito. Essa atividade é a que nos faz experimentar o fluir constante da vida, pois promove seu enlace com a energia da Criação, esse alento imperceptível, fecundo, que dá estabilidade a tudo quanto existe.

Quando o espírito se sustenta com os elementos sempre ativos do eterno, faz-se invulnerável à ação do tempo, que jamais afeta o que permanece ativo, com vida, unido ao alento da vida universal.

Confiamos que o leitor tenha podido apreciar a importância de nossos conhecimentos, que permitem experimentar a sensação de eternidade já neste plano físico, pelo simples fato de saber que se pode dilatar o tempo das horas, enquanto se vive intensamente a vida, com profundidade e amplidão.

Segunda parte

Os Sonhos

Cinco Questões Prévias

São os sonhos o espelho fiel de uma realidade a que ainda não temos acesso?

De que tem valido ao homem a tentativa de interpretá-los sem levar em conta suas verdadeiras dimensões e alcances?

O que ocorre à margem de nossos sentidos e de nossa consciência na penumbra do que diariamente nos acontece?

Quem maneja durante o sono nossas faculdades mentais, produzindo e reproduzindo vivências, fazendo-nos experimentar sensações tão reais como as da vigília, ou causando à nossa sensibilidade não poucos sobressaltos?

Como registrar conscientemente essas vivências ou atuações no plano metafísico, enquanto nossos sentidos cessam suas funções e perdemos conexão com a realidade que nos circunda?

À verdade somente se chega por meio de conhecimentos que dissipem as sombras da incerteza. Os sonhos não podem escapar a esta lei; em consequência, por essa mesma via o homem haverá de descobrir o grande agente que os promove.

Capítulo 20

O espírito como fator determinante dos sonhos

Ninguém ignora o que já se falou e escreveu sobre os sonhos. Uma infinidade de obras e de autores pretende explicá-los e interpretá-los, e em torno dessa enigmática expressão psíquica – fenomênica para alguns – tem-se tecido toda sorte de conjeturas. Mas o certo é que ninguém até hoje esclareceu a incógnita apresentada pelos sonhos à inteligência humana, e os esforços realizados até aqui se perderam na nebulosa que envolve sua fisionomia.

Nosso propósito é dedicar parte deste livro a tão repisada questão, para explicar os alcances que a concepção logosófica lhe dá, seu significado lógico e sua transcendência como fato que deve interessar vivamente à consciência humana.

Para maior clareza das exposições que se seguem, partiremos de um ponto perfeitamente estabelecido: uma coisa é o ato de dormir e outra, muito diferente, a função de sonhar. Frequentemente, costuma-se dizer “durante o sonho” para significar “enquanto se dorme”, donde resultam unívocas duas frases de diferente conteúdo. Sabe-se que dormir é uma necessidade somática, imposta pela lei de conservação, que regula a função biológica do organismo humano. Por sua vez, o ato de sonhar responde a outras necessidades, não precisamente físicas, mas sim do espírito.

Asseveramos que a faculdade de sonhar é privativa do espírito, por ser ele o único que a usa e, certamente, que a sabe usar. É, por excelência, o instrumento que o espírito emprega para satisfazer as importantes necessidades de sua função reitora. Esta função começa a ser perceptível para o homem em virtude do processo de evolução consciente, que promove, segundo ficou claramente expressado em capítulos anteriores, o contato gradual entre o ente físico e o espírito. Para realizar tal função, o espírito se vale das faculdades da inteligência da

mente inferior ou comum¹ e, inclusive, dos pensamentos que esta abriga, seja para conhecer as atuações do ente físico e extrair delas o positivo, seja para agilizar ou adestrar as faculdades da mente superior, observando os pensamentos que se foram alistando nela.

O homem sabe que sonha, mas ignora que sonhar é uma faculdade da mente; faculdade que, ao mesmo tempo, constitui uma das maiores prerrogativas concedidas à inteligência humana. Não se trata, pois, de uma faculdade como as que integram a inteligência conforme especificamos em outros livros, ao nos referirmos ao sistema mental. E não o é porque atua sem intervenção dos sentidos e à margem da vontade do indivíduo; prescinde inclusive da própria consciência, quando esta carece de conhecimentos que lhe permitem abarcar a atividade do espírito. Ela usa, entretanto, as faculdades da inteligência e os sistemas sensível e instintivo. Mais que uma faculdade, sonhar é o poder que tem o espírito de usar a mente e demais recursos psicológicos que o ente físico lhe oferece enquanto dorme e assisti-lo em sua evolução.

¹ Veja-se *Logosofia. Ciência e Método* (Lição III, pág. 43), do autor.

Os sonhos são, pois, resultados da intervenção direta do espírito individual, produzida enquanto o ser dorme. Ao se tornarem conscientes, evidenciam o que o homem pode alcançar na vigília, enquanto procura estabelecer o enlace de seu espírito com sua consciência.

O simples fato de conhecer a existência da faculdade de sonhar, de tão só conhecer algo de suas maravilhosas funções, ajuda a pensar seriamente nessa portentosa criação que é o próprio homem, dotado de um mecanismo psicológico que, organizado, o faria sentir-se o mais feliz dos seres.

Sobre os sonhos se têm feito inúmeras proposições. Muitos pretendem decifrá-los, dar-lhes um significado particular; muitos também teceram em torno deles fantásticas conjecturas, mas ninguém jamais expressou que é o espírito quem os promove, em seu constante esforço por se fazer presente em nosso diário existir.

Fica estabelecido, assim, que o espírito, não obstante seu inevitável afastamento da vigília, por desconhecer o homem sua missão, presta a este sua assistência enquanto dorme, por meio

da faculdade de sonhar. Repetimos: quando o ser físico dorme, é seu espírito quem manipula seu mecanismo mental. Tenha-se isso em conta para se compreender melhor a realidade que estamos apresentando.

O exposto se confirma no fato de que, não havendo participação alguma dos sentidos enquanto dormimos, e achando-se suspensa a atividade consciente e racional, alguém se serve de nossa mente e faz com que, ao despertar, tenhamos a sensação cabal de haver assistido, sem o concurso de nossa vontade, a uma experiência psíquica e mental, às vezes tão lúcida que nos permite recordar seus episódios como se realmente os tivéssemos vivido na vigília. Esse alguém, insistimos, não pode ser outro que o próprio espírito, por ser ele quem promove as vivências no âmbito metafísico. É fácil comprovar que algumas faculdades da inteligência atuam com a mesma força dinâmica que as ativa na vigília, porém o fazem dirigidas pelo espírito, sendo, entre elas, a faculdade de recordar uma das requeridas neste tipo de experiência extraconsciente, meio pelo qual o indivíduo se informa do que aconteceu ou fez em sonhos, tanto no sentido do bem como do mal.

Isto não significa mistério para ninguém, como se verifica pelas sensações que ao despertar conservamos de nossos sonhos. Por outra parte, mostra-nos um fato de suma transcendência para nossa vida. Se o espírito trata de comunicar-se com nossa consciência e usa dos recursos que nossa natureza psíquica lhe oferece à margem de nossa vontade, não deveríamos corresponder a esse convite seu, reiterado tantas vezes ao nosso sentir e pensar, voltando-nos para ele, a fim de que reine em nós depois de o havermos mantido no mais lamentável exílio? Dissemos "exílio", porque, na verdade, por causa da ignorância humana, o espírito sofreu um lamentável banimento ou desterro. Entretanto, assim como todo exilado anela voltar a seu meio familiar, também o espírito procura estar presente de algum modo em nossa vida, e o faz sem infringir as leis, isto é, na forma mais adequada à sua natureza incorpórea.

Os sonhos podem ser lúcidos ou confusos. Quando a faculdade de sonhar se conecta à consciência, mesmo circunstancialmente, os sonhos são lúcidos; ocorrendo o contrário, tornam-se confusos, pois a memória, alheia nestes casos às funções da faculdade de sonhar, não pode reter claramente o que foi sonhado, ao voltar o ser a seu estado de vigília.

A imaginação costuma suprir, então, com elementos estranhos ao sonho, a imperfeição da imagem conservada, alterando ainda mais seu aspecto. Em outras ocasiões, tem-se, ao despertar, a sensação de haver sofrido um horrível e inquietante pesadelo¹, sem que possam ser explicadas as causas que o motivaram.

Raramente perdura a recordação lúcida de algum sonho feliz. Tendo isto presente, compreender-se-á melhor a importância que assume a organização do sistema mental e a fiscalização dos pensamentos que empregamos em nossas preocupações e afazeres diários para evitar que nossos sonhos se reduzam a vagas e, comumente, insípidas recordações.

Não são poucas as ocasiões em que o ser desperta com a impressão de haver sonhado disparates, sem pensar que o que passa pela mente durante o dia tem mais ou menos idêntica característica. Para confirmar isso, detenha-se cada um a registrar tudo quanto acontece em seu cenário mental desde que se levanta até que se deita,

¹ Em *O Mecanismo da Vida Consciente*, ocupamo-nos com alguma extensão do caráter que certos sonhos assumem e de sua explicação logosófica, como também dos casos de sonambulismo, pesadelos, etc. (pág. 92).

e perceberá a enorme gama de acontecimentos em frequente vaivém, que alternam, por exemplo, curiosidade com interesse, com preocupação, com preconceitos, com dúvidas, etc., quando não aqueles instantes em que a retina mental imprime, entre outros, pensamentos agitados pela instigação do instinto, pela exaltação das paixões ou pelo frenesi da discussão. Em suma, durante o dia, salvo exceções, a maioria das pessoas não observa ordem em suas ocorrências mentais, nem coordenação consciente de seus atos. Com os assuntos sérios mesclam-se os chistes, as recordações de tal ou qual episódio menos seletivo, relatos maliciosos e tudo quanto se escuta na convivência diária, que mais de uma vez contamina a mente, sem tampouco esquecer os pensamentos que frequentemente comprometem a conduta. Pois bem, ao projetar-se sobre uma tela panorâmica tudo o que desfila pela mente durante um só dia, teríamos a réplica exata de nossos sonhos descabelados. Isso provaria até onde o ente físico tem conhecimento de sua realidade interna, demonstração clara de que a consciência não atua com oportunidade nem rapidez, em cada instante da vida, se não é adestrada no cumprimento de tão elevada incumbência. Essa demonstração confirma nossa tese, que atribui à herança recolhida pelo espírito

após cada experiência terrena um valor condizente com o uso que se fez da vida. Assim, pois, ao verificar o minguado acervo evolutivo que conseguimos reunir, não é difícil calcular com quanta decepção esse custódio imponderável de nosso acervo individual haverá de absorvê-lo. Mas também poderíamos verificar as mudanças extraordinárias ocorridas em favor da criatura humana, caso o homem de hoje aplicasse os mesmos empenhos e a mesma energia, destinados ao progresso material, em aumentar os recursos potenciais de seu espírito.

Durante as experiências extraconscientes chamadas "sonhos", acontecem episódios curiosos, à margem de toda participação voluntária dos sentidos. Alguns costumam ver a si mesmos consumando fatos que os estremecem, umas vezes de vergonha, outras de horror, cujas sensações ainda perduram ao despertar. Esses sonhos são aparentemente inexplicáveis, e nossa própria sensibilidade os rechaça, por nos sentirmos alheios a tais manifestações; ignoramos, igualmente, que se produziram por efeito de alguma longínqua reminiscência. Por outro lado, é fácil reconhecer a si mesmo quando o sonho reproduz os pensamentos que predominaram durante a vigília, pensamentos que deram alento a

alguma intenção mórbida, delituosa, infamante ou simplesmente errônea. O espírito, que os sabe perigosos, toma-os e, acentuando seu efeito, projeta no ser que anima a imagem do que lhe sucederia se se deixasse seduzir por eles. E mesmo que a faculdade de recordar não consiga reter a visão do que foi sonhado, a sensibilidade do ser fica muitas vezes comovida e se fortalece em virtude disso, para rechaçar todo intento de subversão do sentimento ou desvio da vontade.

Frequentemente, um veemente desejo insatisfeito, alguma ambição truncada ou a excitação frustrada dos centros internos deixam sequelas psíquicas no indivíduo. Soma-se a isso, quase sempre, o sistema instintivo, perturbando os movimentos da inteligência. Comumente se chama a isto de "embotamento". O indivíduo reprime movimentos que o liberariam da necessidade que experimenta ou do pensamento que o perturba. Observando isso, o espírito intervém para evitar-lhe o dano que poderia causar-lhe a falta de definição desse conflito interno, e é então que, em virtude de sua mediação, se promove no indivíduo o desafogo psíquico, reproduzindo-se no sonho as imagens que configuraram o curso de tal conflito.

O espírito costuma participar, em tais casos, usando ao mesmo tempo duas formas igualmente construtivas. Enquanto por um lado deleita o ser físico, fazendo com que este realize o que reprimiu durante a vigília, por outro lhe mostra a inconveniência de fomentar ou afagar seus sentidos com determinados pensamentos. O ser, liberado assim durante o sonho por seu próprio espírito, conserva ao despertar a sensação de uma compreensão nova, que lhe define outras formas de conduta; e, mesmo nos casos em que não consegue percebê-lo claramente, chega a surpreender-se por haver dado lugar a semelhantes apetites.

Estes sonhos de extravio ou lascivos se explicam ao se levar em consideração que o espírito, por ser quem anima o ente físico, conhece não só tudo quanto este pensa ou faz, como também os sistemas que configuram sua psicologia, dos quais se vale para estender-lhe seu auxílio.

Nem tudo o que acontece no cenário mental do homem enquanto dorme é da índole descrita, mas em todos os casos, isso sim, carrega um fim instrutivo, tendente a favorecer o desenvolvimento evolutivo do indivíduo, mesmo que este

não o tenha em conta ou careça de capacidade ou de recursos para interpretá-los. Quando se vive em completo divórcio com o espírito, é sem dúvida difícil compreender o alcance dos sonhos, os quais requerem a participação de conhecimentos que afastem toda possibilidade de se incorrer em interpretações absurdas a respeito deles.

As imagens que aparecem nos sonhos vibram no tempo, nesse tempo que não se mede em horas. Não é forçoso que elas só reproduzam fatos ocorridos ontem ou hoje; podem reviver fatos que tiveram lugar dez anos antes, ou muito mais distantes. Trata-se às vezes de imagens que permanecem ao longo das épocas na translucidez da consciência, projetando um fato vivido, um instante de prazer, um deleite imaginado, um temor, um episódio doloroso, etc. O espírito reproduz oportunamente tais imagens no ser, mediante a faculdade de sonhar; e o faz para que este possa alcançar a noção clara de uma realidade ou verdade que necessita conhecer, cuja obtenção lhe seria difícil sem esse recurso.

Existem sonhos em que as imagens se revestem de formas simbólicas, cuja interpretação obriga a uma investigação laboriosa e profunda.

Nestes casos se revela a importância do conhecimento transcendente, ao oferecer as chaves analógicas que não só ajudam a decifrá-los, como também favorecem o aproveitamento de seu conteúdo como recurso orientador para a vida. É também notória a participação que nesse ponto a sensibilidade assume, como força indutora capaz de orientar as próprias faculdades da inteligência na interpretação do que foi sonhado. Vejamos este caso: Uma pessoa que se propõe a enfrentar com êxito sérias dificuldades que a ameaçam se vê, de pronto, em sonhos, navegando num mar proceloso. O frágil barco que a conduz, açoiado pelo temporal, termina por soçobrar. Em tão crítica situação, recorda que não sabe nadar, mas ao mesmo tempo percebe que não sente medo; seu corpo flutua e resiste facilmente às investidas do mar. Em seguida, nota que lhe está acontecendo algo sumamente perigoso, ao sentir-se atraída fortemente para o fundo do mar por alguém que, a ponto de se afogar, agarra-se a suas roupas. Num primeiro instante, considera-se perdida, mas recorda a tempo que conta com recursos para fazer frente à emergência, e, após um esforço extremo, sente-se de novo flutuando sobre as águas e, finalmente, pisando em terra

firme. Ao despertar, conserva uma sensação grata, de profundo alívio.

Não será difícil achar a relação que este simbólico sonho tem com as preocupações do protagonista. Depois deste primeiro passo e tendo-se em conta o assessoramento sensível antes mencionado, sobrevirá a justa interpretação e o posterior aproveitamento do elemento sonhado. Tal aproveitamento consiste em prevenir-se contra possíveis ocorrências adversas e na boa captação do recurso oferecido para sobrepujá-las, o qual se encontrará no uso oportuno dos meios que o próprio espírito oferece para sobreviver a qualquer dificuldade ou catástrofe, por mais séria que seja.

Vamos agora nos ocupar dos sonhos de efeitos deslumbrantes, nos quais o ser físico experimenta as delícias de um transporte incomum. Geralmente se vê atuando como se tivesse escalado hierarquias proeminentes, ou desfrutando conquistas há longo tempo esperadas; o espírito costuma enaltecer, então, os pensamentos que definem as aspirações do ente físico. Na sutil trajetória dessas visões, faz ressaltar expressamente a beleza das imagens que as integram, para que o ser físico

possa depois conservar as sensações mais inefáveis do que sonhou. Sua finalidade, fácil de captar, não é outra senão a de promover o transporte para a vida daquilo que o ente físico tenha conseguido reter de seus sonhos, constituindo seus fragmentos o eixo e o estímulo de todos os seus esforços por realizar o nobre objetivo que vibra neles.

Muitos creem inalcançáveis tais objetivos, por conceituá-los além de suas possibilidades – algo assim como o véu da rainha Mab –, sem pensar que tudo é possível ao homem quando este se habitua ao mundo dos conhecimentos que devem fundamentar especificamente cada uma de suas realizações.

A crença do inalcançável nós a vemos patente em certas exclamações de prazer, admiração, felicidade ou intensa ventura, tais como: "Parece um sonho!", "Acreditei estar sonhando!", "Isto só acontece em sonhos!", que definem de forma expressiva tudo quanto parece estar fora das prerrogativas humanas. O indivíduo é o primeiro a estranhar o que está vivendo, com o que tacitamente reconhece que a felicidade vivida ou experimentada em sonhos excede à que provém dos acontecimentos gratos promovidos em sua vida diária. Isto

significa que certas vivências são consideradas pelo homem como fora do comum e de uma eloquência tal que excedem os limites do imaginado, experimentando a sensação de que esses momentos extraordinários de sua vida o afastam de suas percepções imediatas. É inegável que, entre o sublime encantamento originado nos sonhos e o que a realidade cotidiana promove, existe uma notável diferença: nos sonhos, é o espírito quem faz com que a sensibilidade experimente o toque da beleza; na realidade cotidiana, salvo em casos em que o espírito já tenha começado a participar da vida do ser, esse fato se deve tão só à exaltação dos sentidos.

Mais de uma vez pudemos observar que o espírito move a faculdade de sonhar em momentos muito especiais da vigília; momentos que são denominados “ensueños”, quando os pensamentos fugazmente se alçam até outros planos e nos deleitam na contemplação de primorosas abstrações. O pai que deixa voar o pensamento nas asas do “ensueño”, levado pelo anelo de saúde para o filho enfermo; o ser que se abisma na contemplação do infinito, ansioso por descobrir o que há para além do afeto terreno, não perdem de vista,

tanto um como o outro, tudo o que fisicamente os rodeia, para se submergirem no que constitui o fundo de seus pensamentos? Nesse estado de abstração, não escapam ambos de toda sensação física, para viver esse breve instante de arrebatamento, atraído um por remotas esperanças e o outro, por recônditas reminiscências? Seus olhos físicos nada veem; podem desfilar ante eles muitas coisas, sem que nada interrompa a imagem que os absorve, porque a vista toma nesses casos outra direção; mantém-se estreitamente unida ao pensamento. Pois bem, o fato se produz aqui por obra de um forte anelo, de um querer profundo do ser, e o espírito responde mediante o “ensueño”, pelo qual a mente pode chegar a nutrir-se de elementos apropriados para seu porvir e destino.

Infere-se do exposto que, apesar de não existir no homem uma verdadeira preocupação por conhecer seu espírito e selar sua união com ele, este procura, em toda oportunidade propícia, dar-lhe alento, protegê-lo, servi-lo em muitos transe difíceis e evidenciar-lhe, em significativas circunstâncias, que é ele, unicamente ele, quem se manifesta e intervém indiretamente, como nos casos assinalados. Longe de ser uma criação

quimérica, o espírito, tão real como o ser físico, sente e experimenta, logicamente, tanto quanto aquele, as sensações e demais fatos que ocorrem em sua vida. Não lhe assombra o que o homem faz ou deixa de fazer no plano material ou físico em que atua, porém sempre, enquanto vive, vela por ele e o assiste de múltiplas formas, para que não abuse de suas prerrogativas e conserve, se não a recordação, pelo menos a sensação de sua origem extraterrena.

Capítulo 21

Como pode o homem ser espectador consciente de seus sonhos?

A Logosofia responde a esta pergunta com uma afirmação categórica, porém faz a ressalva de que, para isso, o homem deve realizar o processo de evolução consciente, porque a consciência não pode atuar nos sonhos se não está previamente adestrada e munida de conhecimentos essenciais que a habilitam para cumprir essa função. Honesta e sensatamente, não se pode conceber que o ser humano busque, tão só por curiosidade ou por simples especulação, conhecer semelhante segredo, reservado unicamente aos que, de posse dele, jamais o usariam com fins mesquinhos, dos quais não está isenta a vaidade pessoal. Os conhecimentos adquiridos por meio da evolução consciente implicam uma responsabilidade impossível de evitar; o caráter insubornável da consciência o impediria.

Vamos, não obstante, explicar o mecanismo pelo qual é possível franquear, com a devida cautela, as portas que dão acesso a esse hermético segredo, um dos tantos que o homem ainda não conseguiu desvendar.

Começaremos chamando a atenção para um fato relativamente frequente na vida de muitas pessoas, do qual ainda não se extraiu conclusão alguma. Referimo-nos ao *entresueño*, com frequência deixado trivialmente de lado, por não se conceder a ele a menor importância. O *entresueño* é um estado em que se experimenta o torpor que antecede o ato de dormir e no qual atuam os sentidos. Mas a ação destes últimos não é agora contínua como na vigília, e sim alternada, já que por momentos voltam fugazmente à percepção sensorial, para se submergir de novo na penumbra mental. Tem-se a sensação de dormir, embora não de todo, pois se percebe o que sucede em torno; os olhos se abrem e veem, basta querer.

Pois bem, o *entresueño* é de curta duração, embora em certos casos ele se prolonga pela resistência que alguma preocupação excitante opõe à necessidade fisiológica do descanso corporal. Por causa disso, a faculdade de pensar, ou a de imaginar,

costumam manter-se ativas, lutando para se sobrepuem ao adormecimento; outras vezes são os pensamentos os agentes mentais que prolongam a vigília, a fim de dirimir alguma situação difícil para a qual não se achou solução. Como consequência disso, produz-se uma excitação cerebral e nervosa que impede o relaxamento necessário ao ato de dormir. Somente quando cessa a atividade mental, por haver-se esgotado a carga energética que a sustentava, o ser finalmente dorme, alheio por completo ao mundo em que vive.

O importante aqui é determinar que o *entre-sueño* se consuma nesses instantes fugazes em que a atividade das faculdades mentais, ou a dos pensamentos, aparece interferindo no intento de dormir, de modo que por momentos se pensa e por momentos se dorme, chegando a confundir-se as imagens de um e outro plano.

Quando o homem realiza o processo de evolução que a Logosofia preconiza, e já alcança certos estados avançados de consciência, pode ensaiar com êxito o autodomínio consciente desses instantes em que aparece o sonho interferindo na atividade mental que mantém em tensão os

sentidos. O *entresueño* pode chegar, desse modo, a constituir-se num meio de dirigir conscientemente as alternativas do sonho.

Observar e vigiar com plenitude de consciência o que sucede no curso do *entresueño*, com domínio suficiente para subtrair-se à ação dos sentidos, ou seja, com abstração total das sensações externas, faz explorar, a partir daí, as regiões do sonho e enfocar nelas o impulso da vontade.

Tais ensaios levam a conhecer, gradualmente, como funciona a mente durante o sonho, ou seja, quando o espírito usa a faculdade de sonhar. Quem já conseguiu isso sabe que, quando faz sua cabeça repousar no travesseiro, está depositando sobre ele um tesouro; sabe que antes de dormir deve aquietar sua mente, para que a faculdade de sonhar atue sem travas; sabe também colocar-se no estado mais inefável, para que nada perturbe o labor que será desenvolvido por essa faculdade, com a qual trata de familiarizar-se. Terá conseguido reunir, em resumo, um conjunto de recursos úteis, que lhe permitirão não apenas oferecer seu concurso à faculdade de sonhar, como também confiar no poder realizador dela, enquanto espera que ela dê resposta ao íntimo

chamado que, sem dúvida, fará resplandecer com maior fulgor sua inteligência.

O bom funcionamento dos sistemas que configuram a psicologia humana é de capital importância para reter, com limpidez, a visão da atividade desenvolvida sob a influência da faculdade de sonhar. Não será difícil aceitar agora que, se uma agilização maior das faculdades de nossa mente aumenta nossa eficiência nas atuações que desenvolvemos durante a vigília, também há de favorecer o melhor desempenho de tais faculdades durante o sonho.

Já dissemos que a sensibilidade supre em boa parte a recordação confusa do que é sonhado, pelas sensações que o ser conserva quando desperta. Pois bem, organizado convenientemente o sistema sensível, é lógico que tais sensações sejam mais nítidas e precisas, sobretudo se pensarmos que a seu melhor funcionamento se associa o sistema mental com suas faculdades em franco desenvolvimento, resultando disso uma eficiência maior de ambos durante o sonho. Infere-se, pois, que mediante o processo de evolução consciente os sonhos se tornam mais claros, mais tranquilos, mais reais.

Quando as faculdades da inteligência atuam durante a vigília em sua verdadeira função consciente, ou seja, quando os três sistemas que constituem o ser psicológico se regulam harmonicamente, o espírito impera na vida do ser. A faculdade de sonhar, que até então só atuava enquanto este dormia, pode agora prolongar sua ação inclusive durante a vigília, projetando as imagens vividas durante o sonho. Isso significa que o indivíduo tem acesso à faculdade de sonhar, a qual responde docilmente ao mandado da inteligência. Esta faculdade, que chamaremos também de "faculdade-chave", terá conseguido sincronizar os dois movimentos mentais, sonhar e estar em vigília. Ter-se-á produzido um entendimento, uma correspondência entre o ente físico e o espírito, o qual, livre para usar as faculdades da mente e os demais sistemas durante a vigília, permite por sua vez ao ente físico recordar tudo o que acontece enquanto se acha sob o influxo da faculdade de sonhar.

Seja-nos permitido agora voltar ao que dissemos no começo deste capítulo. Tudo o que o homem indague sobre seu espírito, tratando de descobrir em que consiste sua atividade e sua forma de manifestar-se, não deve constituir

fatos isolados, motivos de curiosidade que a nada conduzem, mas sim o conjunto de uma série de observações e comprovações, como as que o processo de evolução consciente promove. Esta formalidade subjetiva acentuará, em cada fase do mencionado processo, as possibilidades de penetração do próprio entendimento. Só assim poderá incorporar-se à nossa herança consciente o fruto irreversível do saber conquistado, sendo esse saber precisamente o que forja as bases graníticas de nosso destino.

Alcançar o manejo consciente da faculdade de sonhar implica haver alcançado um dos maiores triunfos evolutivos reservados ao homem: a integração do ser psicofísico com seu espírito.

Com isto fechamos também a questão que Aristóteles deixou aberta há dois mil e quatrocentos anos, ao perguntar-se como o espírito pode unir-se ao corpo.

Palavras Finais

As grandes verdades têm sua expressão mais sublime na exata dimensão de suas projeções cósmicas, na sabedoria infinita de seus conteúdos universais e em sua inefável simplicidade.

A concepção logosófica fundamenta seus preceitos nessa ordem transcendente e inalterável, e é por tal razão que os conhecimentos que difunde abrem sulcos profundos na alma humana, desarraigando a erva daninha da superstição e da credulidade, para que brote viçoso e floresça o cereal da vida, livre de toda contaminação nociva.

Nenhum ser humano, em quem o espírito tenha deixado de ser um mito para constituir-se em força executora dos desígnios de sua própria existência, deixará de reconhecer o imenso bem que tais desígnios lhe deparam. Já não será mais

o homem com vestígios de selvagem, o ignorante de si mesmo, pária da verdade e do bem, porque haverá consumado, ao longo de sua gesta evolutiva, o alto conteúdo da emancipação consciente de seu espírito.

Quando o espírito reinar em cada homem, quando deixar de ser um ente abstrato para converter-se numa presença viva de seu existir humano, tudo mudará fundamentalmente para seu bem no seio da espécie. Só então o homem poderá captar e realizar sua grande missão, com plena consciência de sua responsabilidade ante Deus e ante si mesmo.

O reinado do espírito entre os homens será, então, o reinado da compreensão, da tolerância, da ordem e da verdade mesma. Mas não sobrevirá de um dia para o outro; será preciso lutar antes infatigavelmente, com a convicção plena do triunfo final. O homem enganado, o que padeceu a iniquidade de uma servidão mental e moral injustificável, afastará de si o jugo de sua tremenda desdita e se unirá às hostes que marcharão vitoriosas por todas as sendas do mundo, apregoando esta verdade que tornará os seres livres e conscientes de sua grande missão humana, espiritual e eterna.

Sumário

Advertência.....	07
Introdução	11

Primeira Parte

O Espírito

Três questões prévias.....	21
Capítulo 1	
Origem das inquietudes espirituais.....	23
Capítulo 2	
O conhecimento transcendente.....	33
Capítulo 3	
Enigma-gênese da ascendência da espécie: o 4º reino	39
Capítulo 4	
Concepção logosófica de Deus.....	45
Capítulo 5	
O mundo metafísico	51
Capítulo 6	
O homem e suas duas naturezas.....	57
Capítulo 7	
Determinação e esquema da alma.....	63
Capítulo 8	
Esquema do espírito como agente natural de enlace entre o homem e o Criador	67

Capítulo 9	
Como se dá a aproximação e o contato com o espírito	75
Capítulo 10	
Articulação do mecanismo psicoespiritual humano.....	83
Capítulo 11	
Presença do espírito na infância e na adolescência.....	89
Capítulo 12	
Algo importante relativo à herança e que também concerne ao destino do homem.....	105
Capítulo 13	
Leis universais	115
Capítulo 14	
A herança que o espírito recolhe e leva como carga ou dívida angustiante.	121
Capítulo 15	
O auxílio de Deus chega ao homem unicamente por intermédio do espírito	131
Capítulo 16	
Autonomia do espírito.....	135
Capítulo 17	
Desintegração do espírito por inércia.....	143
Capítulo 18	
Rumos equivocados	153
Capítulo 19	
Do descanso eterno.....	159

Segunda Parte

Os Sonhos

Cinco questões prévias	165
Capítulo 20	
O espírito como fator determinante dos sonhos	167
Capítulo 21	
Como pode o homem ser espectador consciente de seus sonhos?	185
Palavras finais	193

REPRESENTANTES REGIONAIS

Belo Horizonte

Rua Piauí, 742 – Funcionários
30150-320 – Belo Horizonte – MG
Fone (31) 3218 1717

Brasília

SHCG/NORTE – Quadra 704 – Área de Escolas
70730-730 – Brasília – DF
Fone (61) 3326 4205

Chapecó

Rua Clevelândia, 1389 D – Saic
89802-411 – Chapecó – SC
Fone (49) 3322 5514

Curitiba

Rua Ângelo Domingos Durigan, 460 – Santa Felicidade
82025-100 – Curitiba – PR
Fone (41) 3332 2814

Florianópolis

Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 – Pantanal
88040-000 – Florianópolis – SC
Fone (48) 3333 6897

Goiânia

Av. São João, 311 – Q 13 Lote 23 E – Alto da Glória
74815-280 – Goiânia – GO
Fone (62) 3281 9413

Rio de Janeiro

Rua General Polidoro, 36 – Botafogo
22280-001 – Rio de Janeiro – RJ
Fone (21) 2543 1138

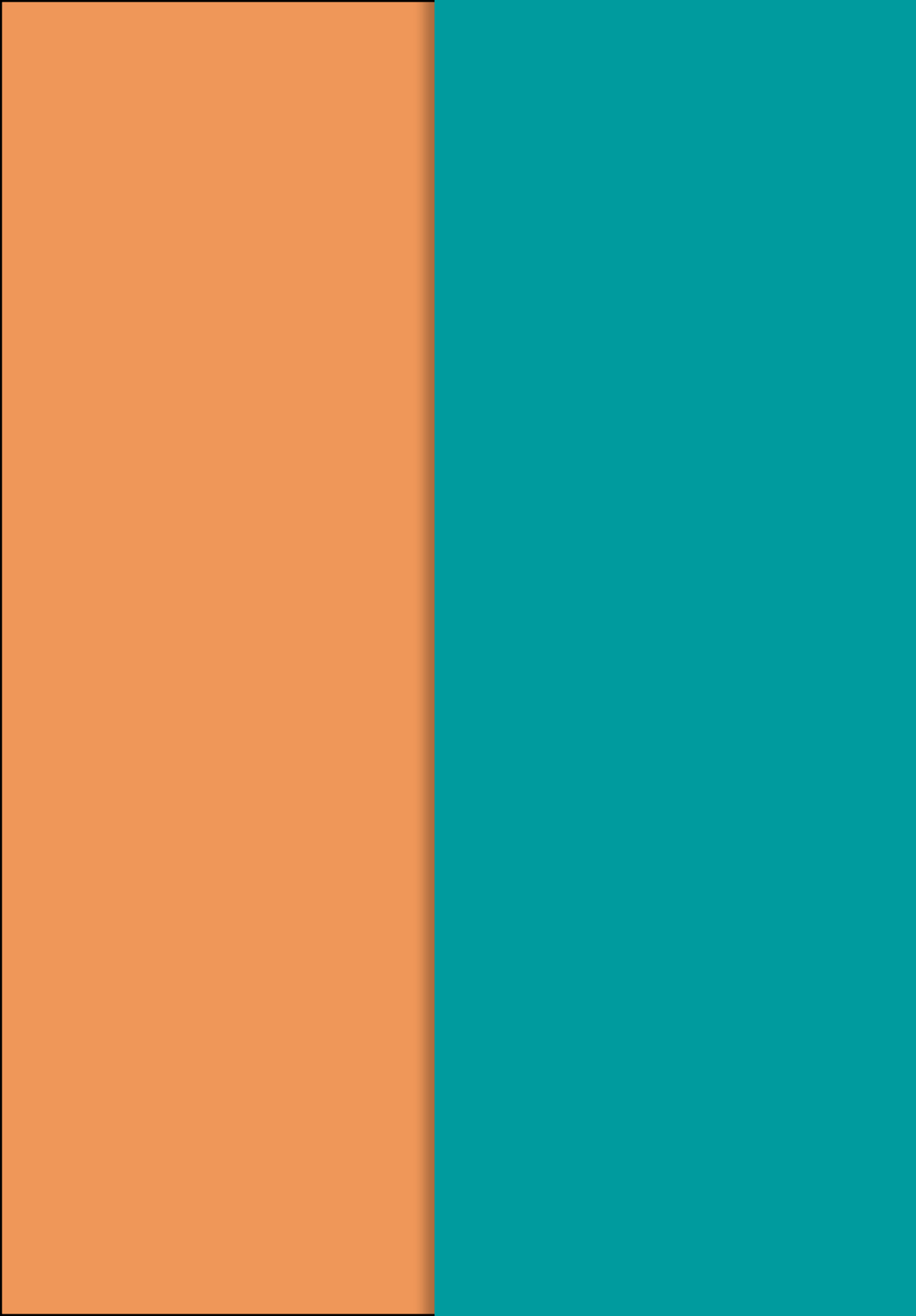
São Paulo

Rua Gal. Chagas Santos, 590 – Saúde
04146-051 – São Paulo – SP
Fone (11) 5584 6648

Uberlândia

Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113 – Vigilato Pereira
38408-458 – Uberlândia – MG
Fone (34) 3237 1130

Composto em Museo Slab 300 10pt
Impresso em papel off-set 75g/m²



A Logosofia reiteradamente tem expressado que não há outro intermediário entre Deus e o homem que seu próprio espírito, com quem deve vincular-se e a quem deve oferecer a direção de sua vida. Alcança-se essa finalidade enriquecendo a consciência por meio do conhecimento transcendente, pois só assim pode o homem compreender qual é sua missão e como está constituído seu ser imaterial, seu próprio espírito, agente que responde ao influxo da eterna Consciência Universal e leva consigo, ao longo dos tempos, o signo cósmico da existência individual.